

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**PRIMA COMO MEIO DE PROMOÇÃO DE CIDADANIA
ATRAVÉS DA MÚSICA: UM PROJETO SOCIAL NA PARAÍBA**

MARIA JOSÉ RAMOS DE OLIVEIRA

**JOÃO PESSOA - PB
2019**

MARIA JOSE RAMOS DE OLIVEIRA

**PRIMA COMO MEIO DE PROMOÇÃO DE CIDADANIA
ATRAVÉS DA MÚSICA: UM PROJETO SOCIAL NA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências Sociais (Licenciatura) da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado no curso de Ciências Sociais. Sob a orientação da professora Dr^a Flávia Ferreira Pires.

João Pessoa – PB
2019

Termo de Aprovação

MARIA JOSE RAMOS DE OLIVEIRA

Trabalho apresentado à
Coordenação do Curso de Ciências
Sociais (Licenciatura) da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito
obrigatório para obtenção do grau de
Licenciado no curso de Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr.^a Flávia Ferreira Pires
Orientadora

Prof^ª Luciana Maria R. de Oliveira - UFPB

Prof^ª Karla Jeniffer R. de Mendonça - UFPB

Conceito Final: _____

João Pessoa/PB
2019

A minha filha Alice pelo incentivo, apoio e cumplicidade

*Aos meus pais (in memoriam) por me ensinarem que “a educação é o único bem
que ninguém pode lhe tirar”*

RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar como funciona e quais os efeitos que o projeto do PRIMA – Programa de Inclusão através da Música e das Artes tem produzido e como tem contribuído na vida dos participantes do projeto. O PRIMA é um programa do Governo do Estado da Paraíba cujo objetivo é criar um sistema de orquestras, bandas e corais juvenis utilizando o ensino da música como catalisador humano e de cidadania. Procuro identificar como as crianças e adolescentes se sentem em relação a sua situação social, quando tem a oportunidade de, através da música, participar de um projeto social que contribui para o seu crescimento como ser humano e que corrobora com seu desenvolvimento educacional através de uma visão crítica de valores sociais e no respeito com o próximo. A proposta do PRIMA é levar aos jovens conhecimento e contribuir para sua formação como cidadão, assim alcançando objetivos que possam colaborar para alcançar uma transformação social. Com relação a metodologia de pesquisa, foi feito um levantamento de dados através de visitas a alguns polos no Estado da Paraíba e através dos relatos de alguns participantes. Busco apresentar como a direção do projeto, maestros, professores, alunos, pais de alunos e direção das escolas colocam/veem a educação musical como um incentivador e agregador de conhecimento favorecendo para a criação de uma participação coletiva entre os alunos, de uma consciência crítica e cidadã. Para contemplar os objetivos propostos, farei uma análise das falas e compilação dos dados, e por fim farei uma apresentação dos meus achados de campo.

Palavra-Chave: Prima, música, inclusão social e cidadania.

ABSTRACT

This present paper has the intention to show how it works and the effects of the PRIMA - Inclusive Program through Music and Art has produced and contributed in it's participants life. PRIMA is a project from Paraíba State Government with the objective of create a system of orchestras, bands and youth corals using music teaching as a human and citizenship catalyst. We tried to identify how children and adolescents feel about their social situation, when they have the opportunity of, through music, take part in a project that contribute to their growth as human beings, corroborating in their educational evolution by a critical view of social values and respect to others. PRIMA proposal is bring to the youth knowledge and cooperate to their shaping as citizens, therefor reaching the objectives that might help achieve a social transformation. The data survey was done visiting some poles at Paraíba State and interviewing some of the participants. Seeking to present how the project managers, maestros, teachers, school board, students and their families view musical education as a motivation and add acknowledgment that support the creation of a collective act amongst the students, of a critical sense and a citizen consciousness. To contemplate the objectives, an analysis of their interview and data compilation, lastly a presentation of my field discoveries.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I – PRIMA COMO MEIO DE PROMOÇÃO DA CIDADANIA ATRAVÉS DA MÚSICA.....	11
1.1 – Estrutura do Prima	14
1.2 – Acesso ao programa	15
1.3 – Polo da Torre: Meu campo de pesquisa	16
1.4 – Em campo: Sobre o período no Polo da Torre	17
1.5 – Em campo: Visita ao Polo da Penha	19
 CAPÍTULO II – MÚSICA E EDUCAÇÃO: PAPEL DOS PROJETOS SOCIAIS COM MÚSICA NO BRASIL	 22
CAPÍTULO III – O QUE DIZEM OS DE DENTRO: A REDE EM TORNO DO PRIMA	 27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS:	
Anexo 1 – Programação PRIMA 2018	39
Anexo 2 – Filosofia Crescendo e Código de Ética do PRIMA	40
Anexo 3 – Projeto Político Pedagógico 2018 PRIMA	41
Anexo 4 – Diário Oficial de 29 de dezembro de 2018	42
Anexo 5 – Transcrição na íntegra dos relatos	43

INTRODUÇÃO

No Brasil e no mundo os trabalhos sociais foram marcados pela presença de ONGs – Organizações Não Governamentais-, que veem contribuindo principalmente quando o assunto é inclusão social e na Paraíba não é diferente. A inclusão social sempre foi vista mais como a inclusão de pessoas com necessidades especiais, porém a partir dos anos 80 a inclusão através de projetos sociais, através da música e das artes tem ganhado um novo enfoque porque nessa perspectiva o termo cidadania também entrou como palavra chave.

Para mim os temas “inclusão social” e “cidadania” sempre foram assuntos muito caros. Ao longo da vida sempre norteiei a educação como a base primordial para a inclusão, desenvolvimento, cidadania e também concordo que a educação é algo muito amplo e deve estar para além das salas de aula. Quando me propus a retomar meus estudos, que havia abandonado por conta de problemas pessoais e profissionais, resolvi optar pela cidade de João Pessoa-PB, mais precisamente na Universidade Federal da Paraíba - UFPB no curso de Ciências Sociais. Assim voltei a focar em temas que sempre me angustiaram, temas que sempre tive vontade de estudar/pesquisar, e foi através do curso escolhido que passei a ter acesso a temas e discussões que são do meu interesse, contemplando assim não apenas aos temas sociais, mas também aos temas de educação.

Ao escolher o tema cidadania e inclusão social, através de programas de música e das artes, parto da premissa de que considero de suma importância para melhorar o desempenho escolar das crianças e adolescentes, favorecer para a criação e uma participação coletiva entre os alunos, assim contribuir na construção de uma sociedade mais justa. Querendo identificar como o projeto contribui para a socialização dos alunos na escola e na comunidade, como/e se o projeto contribui para a inclusão social e para aumentar a participação dos alunos na vida escolar e de que maneira a arte é um facilitador uma vez que proporciona a interação entre a escola, família e a comunidade em geral.

Ao pesquisar um campo onde pudesse pesquisar sobre inclusão social eu descobri o projeto PRIMA – Programa de Inclusão através da Música e das Artes, o que muito me interessou por gostar de música, apesar de nunca ter tido acesso a nenhum instrumento - nunca tive condições para isso-, então vi no projeto do PRIMA a concretização do acesso ao qual eu gostaria de ter tido oportunidade desde muito jovem. Passei a acompanhar e a procurar mais literaturas sobre projetos similares e descobri que existem diversos projetos que também trabalham a música e a inclusão social. Então me interessei em conhecer o

PRIMA mais profundamente e a cada nova visita, a cada dia tinha mais certeza de que o projeto representava aquilo que eu imaginava: algo que pode levar essas crianças e adolescentes a uma melhor condição de vida e cidadania.

O meu objetivo nessa pesquisa é apresentar o trabalho desenvolvido pelo PRIMA, suas atuações, estrutura e formação pedagógica e metodológica. Minha intenção é levantar dados sobre os resultados desse projeto para seus assistidos: o que pensam e esperam os alunos que hoje fazem parte, qual o papel desse projeto na escola onde funciona e o que a família e a comunidade têm a dizer sobre o programa.

A certeza de que estava no caminho certo se intensificou quando, após conhecer o funcionamento do projeto, verifiquei que o PRIMA é um programa criado pelo Governo do Estado da Paraíba cujo objetivo é formar um sistema de orquestras, bandas e corais juvenis utilizando o ensino da música como catalisador humano e de cidadania. Esse projeto se distingue e se caracteriza principalmente porque desde o início funciona como sendo uma iniciativa do Governo do Estado da Paraíba e os polos funcionam, preferencialmente, em escolas estaduais, localizadas em áreas de maior vulnerabilidade social e era esse espaço que me interessava como campo.

Ao visitar e conversar com a direção e funcionários percebi que o objetivo do projeto não era colocar a educação musical como disciplina, mas como uma educação baseada em um “modelo de orquestra”, ou seja, de incentivar a vivência através da cooperação e coletividade, no compartilhamento de conhecimento e de vivência em grupo, respeitando a individualidade do outro, mas cooperando uns com os outros.

A partir dessa concepção, a Educação Musical pode ser entendida como um meio de transformação social, levando ao ser humano não só novos conhecimentos na área musical, mas também, nas áreas interdisciplinares, proporcionando uma formação musical mais crítica. Do estudo e criação de metodologias eficientes do ensino coletivo instrumental, a sociedade teria maior acesso ao aprendizado musical, uma vez fortalecida a construção da cidadania e reconhecido a disciplina como agente de transformação social (CURVINEL, 2003, p.2).

Assim me dirigi ao Casarão dos Azulejos¹ onde funciona a sede e a direção do PRIMA.

Durante nosso primeiro contato, após me identificar e falar do meu trabalho, a secretária explicou rapidamente como funciona, me apresentou a estrutura e decidimos como seria o trabalho. Escolhi um polo, dei preferência para um que funcionasse com

¹ Casarão dos Azulejos também conhecido como Sobrado dos Azulejos é um prédio do século XIX no centro histórico da cidade, que foi tombado e recuperado pelo governo do estado para ser aberto à visitação pública e serve também para abrigar a sede do PRIMA.

orquestra completa, por considerar que teria um número maior e mais diversificado de alunos. Assim, passei a frequentar a escola onde funciona o polo, três vezes por semana, no horário das 14 às 17 horas por um período de aproximadamente seis semanas. O meu objetivo era de através da nossa vivência e convivência, por meio de conversas informais e, que eu considero até espontânea, saber como essas crianças e adolescentes pensam e encaram o dia a dia, objetivei que elas falassem um pouco sobre seus projetos, sonhos, expectativas e futuro.

É relevante informar que os nomes das crianças e adolescentes foram preservados, por isso usei apenas a inicial de cada nome e a idade dos alunos, de acordo com as normas éticas, para resguardar a identidade.

No primeiro contato fui apresentada aos alunos que estavam se reunindo para o ensaio do dia que, na ocasião, era o da orquestra, o que me permitiu o contato com grande parte dos alunos. Falei rapidamente sobre o meu trabalho de conclusão de curso e de como tinha tomado interesse em mostrar e falar sobre o PRIMA. Assim, nas primeiras semanas apenas observei como as crianças e adolescentes iam chegando para os ensaios com os seus instrumentos, a preocupação em se colocar nas posições corretas, quando o ensaio era da orquestra, e ficava notório o cuidado e o carinho despendido para com os instrumentos. No final dos ensaios procurei me aproximar e conversar com os adolescentes, na última semana consegui que alguns gravassem algumas entrevistas (relatos). O resultado desses relatos colocarei mais adiante.

Para melhor visualização do trabalho, dividi a apresentação em três capítulos. No Capítulo I – PRIMA como meio de promoção de cidadania através da música, será mostrado as bases de sua inspiração como projeto social, sua estrutura, como se faz o acesso ao programa, sua programação anual e meus locais em campo. No Capítulo II – Música e Educação: papel dos projetos sociais com música no Brasil, irei apresentar também alguns projetos que trabalham com a música como propulsor de inclusão social através da cidadania e no Capítulo III – O que dizem os de dentro: a rede em torno do PRIMA, que irá externar a fala dos entrevistados e apresentar como eles veem o programa e como o programa tem influenciado nas suas vidas, na vida de sua família e na sua comunidade.

CAPITULO I – PRIMA COMO MEIO DE PROMOÇÃO DE CIDADANIA ATRAVÉS DA MÚSICA

O PRIMA é um programa criado pelo Governo do Estado da Paraíba em conjunto com as Secretarias de Estado da Educação, da Cultura e do Desenvolvimento Humano que teve início em 2012 e começou com apenas 20 alunos de escolas públicas da cidade de Cabedelo onde funcionou como primeiro polo. Seis anos depois chegou a 16 municípios com um total de 26 polos abrangendo do litoral ao interior do estado.

Foi criado pelo projeto de Lei nº 2051/2018 e no dia 27 de dezembro de 2018 através da Lei nº 11.261 a Assembleia Legislativa da Paraíba aprovou o programa como sendo uma Política de Estado.

O objetivo do programa é criar um sistema de orquestras, bandas e corais juvenis utilizando o ensino da música como catalisador humano e de cidadania. O projeto opera em parcerias e também trabalha em conjunto com as escolas estaduais o que proporciona uma maior abrangência pois conta com uma vasta rede de educação e cultura que já existe no Estado. Para os gestores do programa, uma das suas principais qualidades é que, além de funcionar em escolas públicas, procura atender exatamente as escolas onde existem um alto nível de risco social.

Para o diretor geral do PRIMA, Milton Dornellas, o programa trabalha temas essenciais para a vida acadêmica e pessoal dos estudantes e acrescenta “destacamos o trabalho em equipe, a disciplina, o respeito e a igualdade”. Assim podemos observar que a proposta é trabalhar de forma coletiva.

O programa teve como principais inspirações dois projetos já existentes o Neojiba – Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia e o El Sistema da Venezuela. O grande diferencial do PRIMA é que ele, desde a sua criação, foi um projeto totalmente de responsabilidade do Governo do Estado da Paraíba enquanto o El Sistema começou com algumas ONGs e o Estado encampou. A seguir faremos uma breve apresentação dos programas nos quais o projeto se inspirou:

*NEOJIBA*²

O programa Neojiba é uma política pública constituída com a participação da sociedade, do Governo do Estado da Bahia e das empresas parceiras. Fundado em 2007 com o objetivo de promover o desenvolvimento e a integração social prioritariamente de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade por meio do ensino e da prática musical coletivos.

O programa conta com 13 núcleos responsáveis pelo atendimento direto de 1.700 crianças, adolescentes e jovens de 4 a 27 anos. O Núcleo de Gestão e Formação Profissional (NGF), sediado em Salvador, e mais 12 Núcleos de Prática Musical (NPM) oferecem formação musical coletiva de excelência, além de acompanhamento psicossocial, escolar e acesso a serviços de saúde.

Os núcleos também qualificam jovens que realizam ações de extensão na Região Metropolitana de Salvador e no interior do estado, adotando como princípio o lema “aprende quem ensina”. Eles são responsáveis por difundir o modelo social e pedagógico do programa para, pelo menos, 38 instituições (escolas e entidades) de Salvador e outros 35 projetos desenvolvidos em 29 municípios da Bahia.

*EL SISTEMA*³

El Sistema-Sistema Nacional de Orquestras e Coros Juvenis e Infantis da Venezuela é um trabalho social e cultural do Estado venezuelano. Também conhecida como El Sistema, foi concebida e fundada em 1975 pelo professor e músico venezuelano José Antônio Abreu sistematizar a instrução e prática individual e coletivo de música através de orquestras sinfônicas e coros como instrumentos de organização social e desenvolvimento humanista. O movimento orquestral é reconhecido como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal nos aspectos intelectual, espiritual, social e profissional, resgatando a criança e o jovem de uma juventude vazia, desorientada e desviante.

Desde o seu primeiro ano de atividades em 1975, a Sinfonia Juvenil Juan José Landaeta, grupo original de El Sistema, significou um fenômeno artístico e uma

²www.neojibas.org/

³<http://fundamusical.org.ve/nucleos/>

pedagogia musical dentro e fora da Venezuela. Suas primeiras apresentações não só tiveram impacto na Escócia, México, Colômbia, Estados Unidos, quase um ano após sua fundação, mas cada estado e cidade do país quis seguir o exemplo de Caracas e contar com suas orquestras juvenis.

A estrutura funcional, educacional, artística e administrativa que molda o sistema é o núcleo. Neles são realizados todos os programas de orquestra e coral da Fundação Musical Simón Bolívar, que os transforma em escolas e em muitos casos, funcionam como centros de promoção de atividades educacionais, artísticas e culturais das comunidades. Os núcleos variam em tamanho e complexidade e estão localizados em todos os estados do país.

Atualmente o El Sistema conta com 440 núcleos e 1.340 módulos que atendem mais de 787 mil crianças, adolescentes e jovens. A equipe acadêmica é composta por mais de 10 mil professores, distribuídos nos 24 estados da Venezuela, formando uma rede nacional complexa e sistemática de orquestras e corais de jovens e crianças. O módulo é uma estrutura que é adicionada a esta rede para alcançar as aldeias mais remotas do país, áreas de fronteira, comunidades, urbanizações e escolas, com o objetivo de que nenhuma menina, menino ou jovem venezuelano seja excluído da experiência e curtir a música.

A iniciativa de resgate social através da música criada e divulgada pelo professor José Antônio Abreu, precisava chegar a todos os cantos do país com a premissa de alcançar, como um serviço para a comunidade, o maior número de crianças e jovens. É assim que surge a estrutura humana e física fundamental deste projeto: o núcleo.

O método de El Sistema, que foi endossado não apenas pela participação e desenvolvimento positivo de milhares de crianças venezuelanas, mas também pela adaptação do modelo em outras sociedades baseia-se no coletivo como vocação.

Com uma fé profunda na educação infantil, as crianças mais novas começam a aprender em grupo. Desde que entrou música pré-escolar ou pré-iniciação (2-4 anos) aprender a desenhar notas musicais, cantar-alongs⁴ e siga ritmos, sempre a partir da perspectiva do trabalho em equipe: desde crianças interiorizar que não só é necessário fazê-lo bem individualmente, mas, também apoiar o próximo a ele para que cada exercício musical seja realizado em conjunto.

⁴ Cantar junto

1.1 - Estrutura do PRIMA

O Projeto teve início em 2012 na cidade de Cabedelo com os Polos Jacaré e Renascer e na cidade de João Pessoa, com os Polos do Mandacaru, Polo do Alto do Mateus e o Polo do Bairro do Novais.

Em 2013 foram criados os polos das cidades de Catolé do Rocha, de Tibiri, de Itaporanga, de Guarabira, de Patos, de Cajazeiras e Campina Grande (com os Polos de Mutirão, Malvinas e Bodocongó). Em 2017 teve início os Polos da Penha, Marcos Moura em Santa Rita e Conde. E em 2018 foram os Polos das cidades de Pedras de Fogo, Bananeiras, Picuí, Monteiro e Souza e o Casarão dos Azulejos em João Pessoa.

Hoje o projeto tem um total de 26 polos, assim distribuídos:

João Pessoa e Grande João Pessoa:

- Casarão dos Azulejos (piano), Casarão dos Azulejos (percussão), Alto do Mateus, Cidade Verde, Novais, Penha, Torre e Vale do Gramame.

Santa Rita:

- Alto das Populares, Marcos Moura

Cabedelo

Nas cidades do interior:

Campina Grande

- Bodocongó, Mutirão e Caic, Bananeiras, Cajazeiras, Catolé do Rocha, Conde, Guarabira, Itaporanga, Monteiro, Patos, Pedra de Fogo, Picuí, Sapé e Souza

Alguns tipos de instrumentos estão disponíveis unicamente no Casarão dos Azulejos, por demandarem um maior espaço físico, como piano, percussão sinfônica: marimba, vibrafone, xilofone, tímpanos e percussão popular ou acompanhamento: bateria, pandeiro, congas, tambores.

O PRIMA conta com a participação de um total de 1.201 alunos em 2018. A estrutura administrativa é formada por 145 funcionários sendo: 7 administrativos, 18 coordenadores dos polos, 17 secretários, 86 professores, 6 vigias, 4 auxiliares de limpeza, 4 motoristas, 1 arranjador e 2 luthiers (fábrica e manutenção: 1 de corda e 1 de sopro).

O projeto tem um investimento com funcionários de R\$ 168.834,00 mensais e de R\$ 2.194.842,00 anuais. O investimento mensal com aluguéis de veículos é de R\$ 17.327,84 num total de R\$ 207.934,08 anuais. O total do investimento com instrumentos musicais perfaz um valor de R\$ 3.095.186,00 originários da Secretaria de Educação. Através de convênios realizados com a SECULT, o Banco do Brasil e a FUNARTE foram

investidos R\$ 400.000,00 para compra de instrumentos musicais para abertura dos polos de Picuí, Bananeiras, Pedras de Fogo, Souza e Monteiro.

1.2 - Acesso ao programa

Para fazer parte do programa é necessário que as crianças e adolescentes estejam dentro da faixa etária dos alunos com acesso à escola, isto é, de 6 a 18 anos. Não é necessário fazer qualquer teste de aptidão e a inscrição é por ordem de chegada. Mesmo que os instrumentos tenham acabado ou a faixa etária exceda a estabelecida ou que não esteja matriculado na escola onde funciona o projeto, se a criança ou o adolescente tiver um instrumento ele poderá ter acesso às aulas. Caso, ainda assim, as vagas não sejam completamente preenchidas pessoas da própria comunidade também podem participar.

Após as primeiras aulas os instrumentos são entregues aos alunos, mediante assinatura de termo de responsabilidade pelos pais ou responsáveis, e a partir daí o aluno pode levar os instrumentos para casa. Após o término do período escolar o aluno terá que devolver o instrumento para que outro tenha a oportunidade de participar do projeto. Porém se a criança/adolescente tiver interesse em continuar no projeto ele tem a oportunidade de ficar por mais dois anos enquanto tenta adquirir um instrumento próprio.

É permitido ao aluno ficar de posse dos instrumentos durante as férias, mesmo que o projeto só funcione de acordo com o ano letivo, para que possam continuar fazendo os treinos. Mas não é feito nenhum tipo de acompanhamento no retorno para saber se houve realmente os treinos durante as férias.

O PRIMA é um dos meios de acesso para se candidatar a participar da Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba - OSJPB, que só aceita alunos vindos de nível superior através da UFPB ou da Escola de Música Antenor Navarro, a qual também é mantida pelo governo do estado. Em apenas cinco anos de existência, o PRIMA tem contribuído como um importante meio de acesso à música nas localidades onde está instalado. Pode-se destacar que 29 alunos deste programa foram aprovados em cursos superiores de música da Universidade Federal da Paraíba-UFPB e Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, além de permitir o acesso de 5 ex-alunos à Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba-OSJPB. O projeto também tem permitido que alguns alunos tenham acesso a especializações em escolas fora do país. Essas são algumas das vitórias do projeto PRIMA.

1.3 - Polo da Torre – Meu campo de pesquisa

O meu trabalho focou o Polo da Torre por se tratar de um dos polos onde funciona uma orquestra. Alguns polos têm apenas um determinado número de instrumentos em função do espaço e da localização. O Polo da Torre (ex-Tambiá), desde o princípio era para funcionar no bairro do Mandacaru, um dos bairros mais carentes e violentos da cidade de João Pessoa, mas por não conseguir se instalar nesse bairro, já se instalou em três escolas diferentes nas redondezas. A escola onde funciona o PRIMA é a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raúl Cordula, situada à Av. Juarez Távora, 3000, bairro da Torre. A opção da organização do projeto por esse bairro é com o intuito de permanecer o mais próximo possível da área inicialmente escolhida.

Nesse polo funciona uma orquestra completa com violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta, clarinete, fagote, oboé, trompete, trombone, trompa e percussão, com um total de 55 alunos. Além do Coordenador e maestro o polo funciona com uma secretária e os professores para cada tipo de instrumento.

De acordo com o Fernandes que é o coordenador e maestro do polo, doutorando em música pela UFPB – Universidade Federal da Paraíba, o sonho de quase todos os que vem para o Prima, são poucos os estabelecimentos de ensino de música na cidade de João Pessoa que têm a estrutura do PRIMA, principalmente em se tratando de instrumentos, nem os próprios Institutos Federais (IFs). Instrumentos como fagote e oboé não existem nos IFs justamente pelo custo dos instrumentos e porque também precisam de professores específicos

O projeto tem que superar algumas dificuldades para funcionar como, por exemplo, o espaço físico e o acesso para os alunos, já que boa parte dos alunos não são alunos da escola, então é necessário que esteja situado em um local de fácil acesso, dentre outros desafios. Existem também, em alguns casos, as dificuldades dos alunos que chegam para as aulas e dizem que não puderam ensaiar em casa porque os pais não gostam, não suportam o barulho, ou seja, encontram dificuldades práticas de aperfeiçoamento dentro do espaço familiar. Alguns pais não estimulam, não entendem o ensino da música, não querem ou não apoiam. No entanto, segundo eles, existem pais que, além de apoiarem se orgulham que os filhos estão participando de uma orquestra. Às vezes são crianças que não tem muito futuro como músicos, mas enquanto estão fazendo parte do programa participam de todos os eventos e programações.

O Coordenador e Maestro do polo falou quando questionei sobre se não existia uma preocupação de os alunos transitarem por um bairro considerado violento com os

instrumentos, ele falou que já fez 3 Boletins de Ocorrências por furtos de instrumentos de alunos. Contou, também, que depois que ele está nessa escola já aconteceram 3 homicídios em frente da Escola, que “é um risco que o projeto corre, porém, a intenção é não se intimidar e mostrar que independente dos problemas o projeto acredita na força da inclusão”.

De acordo com a Diretora da Escola, foi muito bom o projeto ter vindo funcionar na escola uma vez que o local onde ela está localizada é muito carente e o desafio de manter as crianças dentro dos muros da escola é uma árdua tarefa, tanto dos professores como das famílias.

1.4 - Em campo: Sobre o período no Polo da Torre

Fiquei durante aproximadamente seis semanas, nas 2ª, 3ª e 4ª das 16 às 17 horas, acompanhando os ensaios na Escola Raul Cordula onde funciona o Polo da Torre. Nas primeiras visitas as crianças/adolescentes ficaram de longe, observando desconfiadas as minhas observações, sempre aparentando que não estavam me vendo. Com a continuação das visitas eles começaram a se aproximar, antes e ao término dos ensaios, onde eu estava com a Secretária, então eu aproveitei a oportunidade, novamente falei do meu trabalho e perguntei quem gostaria de falar comigo sobre o PRIMA.

No primeiro dia somente um aluno quis conversar comigo, mas nas visitas seguintes, dois ou três se aproximavam e eu perguntava se queiram falar, a resposta era sempre não, mas dava para perceber que queriam sim, só estavam com vergonha. Foi assim, aos poucos que consegui excelentes relatos. No último dia, no dia do encerramento do semestre, alguns já vieram me perguntar se eu voltaria no próximo ano, quando respondi que sim, acharam ótimo. Convivi com as expectativas e os anseios desses jovens adolescentes na preparação para o Grande Concerto de Natal da Orquestra do PRIMA que iria acontecer no dia 09 de dezembro de 2018 no Espaço Cultural José Lins do Rego em João Pessoa. A apresentação contou com a participação de aproximadamente 400 jovens vindos de todos os polos do Estado. Também teve a apresentação do Recital de Fim de Semestre do Polo da Torre, que aconteceu na escola onde funciona o projeto, no dia 10 de dezembro de 2018.

Para o Diretor Geral do programa Milton Dornellas sobre o Grande Concerto:

O Prima é transformador. Hoje, nós já temos 30 alunos cursando nível superior de Música na UFPB, UFCG e no IFPB, temos alunos que passaram para Medicina, Matemática, Letras e outros ganharam bolsas

de estudos nos Estados Unidos, no Canadá e isso é resultado desse trabalho. Nós não ensinamos apenas música, nós fortalecemos o cidadão.

A diretora artística e maestrina Priscila Santana completa:

Esse não é apenas um trabalho, é um sonho de permitir que crianças e jovens tenham dignidade, realizem seus sonhos. Isso é política pública, que vai do Litoral ao Sertão, e permite que as pessoas tenham a capacidade de sonhar independente da condição financeira, de raça e crença.

Histórias que eu considero emocionantes são reveladas nessas horas como o encontro dos ciganos do Polo de Souza e o passeio que fizeram pela orla de João Pessoa antes do concerto, quando realizaram o sonho de ver o mar pela primeira vez. Tem ainda a história de alguns alunos do Polo de Patos, moradores do Mutirão, que nunca tinham atravessado a ponte do bairro e não conheciam sequer o centro da cidade onde moram.

Para essas crianças e adolescentes vir para a capital para participar desses eventos - houve outros eventos menores, mas não menos importantes, durante o ano, mas esse é o mais esperado -, não é apenas a oportunidade de conhecer coisas e lugares novos, mas, também a oportunidade de conviver, de passarem esses dias juntos, ensaiando, aprendendo, vivenciando, trocando informações e conhecimentos.

No evento de encerramento do ano na Escola Raul Cordula a euforia dessas crianças era contagiante. Além da presença do Diretor-geral do Prima, Milton Dornellas, e da maestrina e Diretora Artística Priscila Santana, o Coordenador do Polo Tambiá Fernandes, da secretária Renata e todos os professores do projeto. Os professores e a Diretora da Escola também estavam presentes, pais e familiares dos alunos além de moradores da comunidade. Os alunos junto com os professores fizeram uma “cotinha” e realizaram a confraternização “porque depois de tocar dá muita fome” diz o D. de 13 anos.

Em função da mudança no projeto pedagógico a escola EEEM Raul Cordula onde funciona o projeto, a partir de 2019, irá funcionar no sistema de Escola Cidadã Integral e por esse motivo o projeto não poderá funcionar por falta de espaço físico. A coordenação do projeto está procurando outra escola nas proximidades, mas os alunos que frequentam a escola não vão poder participar pois terão aula até as 17 horas.

Um dos desafios hoje da direção do projeto é fazer com que a Secretaria de Educação reconheça o PRIMA como parte da grade curricular da Escola Cidadã Integral. Para isso a direção do PRIMA se reuniu com a Coordenação Geral da Escola Cidadã Integral a fim de tentar levar o projeto para dentro do projeto dessas escolas o que garantiria a continuidade do programa para os alunos que irão cursar o ensino médio em

tempo integral, além de permitir aos jovens matriculados nessas escolas a oportunidade de continuarem participando do programa.

No retorno do ano letivo (2019) fui continuar o acompanhamento das crianças e adolescentes no projeto do Polo da Torre e me deparei com uma situação que apesar de ser considerada normal, gera alguns problemas. Mesmo os polos não sendo fixos, não é intenção da coordenação do projeto ficar trocando com muita frequência a localização pois o fato gera uma situação que paralisa um pouco o objetivo do trabalho.

Um dos transtornos que já existe é a possibilidade das crianças, por serem de situação de vulnerabilidade, se deslocarem com frequência, os pais às vezes precisam se mudar de bairro e até mesmo de cidade o que acarreta a saída das crianças das escolas e consequentemente a saída do projeto. Outro fator que está acarretando essa mudança de bairro dos polos é o fato de que algumas escolas do Estado estão passando para o sistema de Escola Cidadã Integral o que obrigada os polos a saírem das escolas para que possa funcionar em tempo integral. Mesmo que o polo permaneça no mesmo bairro os alunos, por estarem em sistema integral, não podem continuar frequentando o projeto. Isso gerou algumas queixas e desilusão por parte de alguns alunos que sonhavam em permanecer no projeto.

Esse fato aconteceu no Polo da Torre que funcionava na EEEFM Raul Cordula que passou para o sistema integral. Estive lá para falar com algumas dessas crianças que faziam parte do projeto. Uma tinha saído da escola porque a família se mudou de bairro e as outras ainda estavam na definição do que iriam fazer porque, mesmo com a intenção do projeto continuar no mesmo bairro, mesmo que em local diferente, existe o fato de que eles deverão permanecer na escola até as 17 horas o que inviabiliza a permanência no projeto. Essa reestruturação me obrigou a deslocar para outro polo a fim de continuar o meu trabalho.

1.5- Em campo: visita ao Polo da Penha

Em função da reestruturação no Polo da Torre procurei conhecer outros polos para ter uma melhor abrangência da atuação do projeto e fui visitar o Polo Penha que funciona na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Benedita Targino Maranhão localizada na Praia da Penha. O Polo funciona a dois anos, o número de alunos é de 33 em 2018 e trabalha com orquestra completa. Trata-se da única Escola Estadual na região e funciona também com o Ensino Supletivo e o EJA - Educação de Jovens e Adultos.

Estava no começo do semestre e por isso ainda não tinha um número completo para 2019 pois ainda está no período de matrícula. Muitos dos alunos matriculados no projeto veem de outras escolas nas redondezas principalmente da Escola Municipal Antônio Santos Coelho Neto por estar localizada muito próxima da EEEFM Benedita Targino. A coordenação do polo juntamente com a diretora da escola faz um evento no começo de semestre que eles chamam de SENSIBILIZAÇÃO que é levar os alunos e professores que já tocam no projeto para se apresentarem em outras escolas para mostrar o projeto e convidar as crianças e adolescentes a participarem e se matricularem.

Meu primeiro contato com os alunos se deu de maneira curiosa, tinha me perdido porque não conhecia a região, então você acha tudo muito esquisito, foi quando passei por uma rua e vi dois adolescentes, uma menina e um menino, então parei para perguntar, me identifiquei e disse que estava procurando a Escola eles ensinaram, eu estava bem próximo claro. Iniciamos uma conversa e eles disseram que estavam indo para lá, eu perguntei se estavam indo para aula, eles responderam que estavam indo ter aula no PRIMA. Acho que tenho cara de boazinha, pois eles aceitaram o meu convite e foram comigo. No caminho perguntei porque eles estavam aprendendo música, a menina como era mais expansiva, foi quem falou o tempo todo, disse que não estudava na Escola, mas que tinha sido convidada para conhecer o projeto (pelo processo de sensibilização) e que estava participando do projeto desde o início, que estudava clarinete e que estudar música dava mais “visibilidade”.

No tempo que passei na escola três matrículas foram efetuadas, o que me proporcionou um contato de imediato com o funcionamento do acesso das crianças e adolescentes ao projeto e permitiu ver in loco quão importante se torna um espaço dessa magnitude para os moradores dessas comunidades. Percebe-se o esforço de todos os lados, da direção da escola, da coordenação do projeto, dos pais e das crianças que procuram um espaço a mais de convivência e aprendizado.

A primeira criança não estudava na escola, mas a mãe foi matricular a filha de 11 anos para tocar flauta porque a irmã de 13 anos já toca violino. Segundo a mãe “o sonho da filha de 13 anos é tocar em uma orquestra” e confessou que, “ama quando a filha está tocando dentro de casa, é muito bom mesmo”. De acordo com a mãe, aprender música ajuda a abrir a mente além de fazer com que as crianças fiquem com a mente ocupada. Ela ficou muito emocionada quando a filha pisou no palco pela primeira vez para tocar no Teatro Santa Rosa, ela também não conhecia um teatro, foi a primeira vez que entrou em um. Foi através do Prima que a família teve o primeiro acesso a um espaço de arte

como o Teatro Santa Rosa, essa declaração dela me fez pensar como o PRIMA também é importante para agregar capital cultural (BOURDIEU, 1989) não só ao aluno, mas também agrega para sua família.

O segundo encontro foi com outra mãe que veio conversar com a diretora da Escola para que fosse possível a filha ficar na escola e almoçar no espaço, para fazer as aulas de música a tarde e não ter que ir para casa já que mora um pouco distante e ela não podia vir trazer. A Diretora de imediato esquematizou com a responsável pelas refeições para que fosse possível a adolescente almoçar na escola, foi acordado também com a coordenadora do projeto e com a secretária da escola e logo ficou tudo resolvido. A diretora é uma pessoa muito engajada, lutou muito pela melhoria da escola, que hoje está reformada, muito arrumada e pude perceber que a diretora não mede esforços para manter as crianças e adolescentes na escola.

A terceira mãe que conheci tem 5 filhos e todos já passaram pelo projeto, mas atualmente só a de 13 anos que toca violino participa do Prima e a de 11 anos que estava se matriculando para aula de viola, ela queria violão, mas depois mudou para viola. Estuda na Escola Municipal, mas já está no segundo semestre de música no projeto e disse que quer ser delegada, mas também quer fazer música na UFPB e que nunca tinha entrado em um teatro e foi na apresentação do Teatro Santa Rosa que ela entrou pela primeira vez e “ficou encantada” e acha que aprender música já está começando em uma profissão boa. A mãe é nova (37 anos) e também entrou no projeto, mas só participou um semestre e desistiu como também desistiu do EJA⁵ que estava fazendo também na escola, porque disse que estava ficando muito cansada. Só fez até o 2º ano do ensino médio e também nunca foi a um teatro, queria ter ido na apresentação da filha, mas não tinha como, o carro que levou os alunos não cabia, só dava para levar os alunos.

A coordenadora contou que eles não medem esforços para que os alunos permaneçam no projeto e contou que estão com 2 alunos que passaram para uma escola integral e iam perder a oportunidade de continuar participando das aulas de música já que o horário da escola integral é até as 17 horas. A coordenadora e o professor de música entraram em um acordo e o professor espera os alunos saírem da escola, onde estão assistindo aula, para que eles possam continuar participando das aulas do projeto.

O fato do PRIMA dividir o espaço físico com as escolas contribui muito para que os familiares desses alunos tenham acesso não só ao espaço escolar como também ao do

⁵ EJA – Educação de Jovens e Adultos

projeto, o que gera um maior acesso e uma maior integração entre a escola, as famílias e a comunidade em geral.

Nesse primeiro capítulo falei de como surgiu o programa, quais os projetos que serviram de inspiração e como funciona, sua estrutura, como as crianças têm acesso ao programa e os polos que acompanhei. No próximo capítulo tratarei sobre o papel da música e dos projetos sociais e sua contribuição como papel complementar da educação e na formação da cidadania.

CAPÍTULO II – MÚSICA E EDUCAÇÃO: PAPEL DOS PROJETOS SOCIAIS COM MÚSICA NO BRASIL

Como poderemos observar nos relatos de alguns pais, a preocupação com a educação das crianças e adolescentes é o que primeiro chama a atenção, é o que tem de mais importante. De acordo com eles é através da educação que essas crianças e adolescentes vão se preparar para o futuro, vão preparar suas bases para sua formação profissional e vão dá os primeiros passos nas suas conquistas por uma formação cidadã, consciente de seus direitos e deveres. Essa formação de cidadania passa também por uma educação cultural onde as crianças e adolescentes irão trabalhar seus conhecimentos e a educação será a porta para “crescer na vida, ser alguém, ter um emprego bom”. Como uma complementação dessa educação é muito importante poder contar com um projeto que vai trabalhar a autoestima, o trabalho coletivo, a convivência em equipe.

O acesso à educação formal no Brasil, ainda hoje, é um privilégio quase que exclusivo das classes média e alta. A democratização do ensino no país, constitui-se em uma difícil tarefa para a sociedade. A situação do ensino musical não é diferente. O ensino da música no país, ainda não consegue alcançar um grande número de pessoas. As escolas particulares que atuam no ensino específico de música são elitistas, sendo inacessíveis, economicamente, para a grande parte da população brasileira. Por outro lado, a realidade das escolas públicas é preocupante - os recursos são insuficientes para se obter as condições ideais para o desenvolvimento do processo pedagógico. A área musical, entre outras, ainda é vista como integrante das atividades complementares na formação do aluno, e não como parte das disciplinas prioritárias. Estes aspectos agravam a situação do ensino musical e o acesso a ele. Outro problema se refere à demanda dos alunos que é sempre maior do que o quadro docente disponível.

O Ensino Coletivo é uma importante ferramenta para o processo de democratização do ensino musical, contribuindo de forma bastante significativa neste processo. A musicalização através do ensino coletivo, pode dar acesso a um maior número de pessoas à Educação Musical, aumentando a razão professor/aluno por esforço hora/aula ministrada.

Alguns projetos ligados a essa filosofia de ensino vêm surgindo no país, alcançando êxito, tanto na área pedagógica quanto na social. Pode-se afirmar que o estudo da música, através do ensino coletivo, veio democratizar o acesso do cidadão à formação musical (CRUVINEL, 2003, p.2).

A união da educação com a educação musical proporciona a essas crianças e adolescente o que Snyders (1974) chamou de “alegria na escola”, ou seja, o uso da música contribui para alcançar esse objetivo. Através do uso de uma “pedagogia que, de fato, possibilite a formação do indivíduo, que lhe permita realizar-se (ter alegria) e poder atuar na sociedade modificando-a, superando as contradições e problemas que esta apresenta” (SNYDERS, 1974:9-10 apud CARVALHO, 1999).

O debate que Snyders levanta sobre a educação e a renovação da escola vai além da discussão entre os conteúdos e os modelos de ensino, passa pela colocação da cultura como renovação da educação e reavaliação crítica dos conteúdos.

A substituição do conceito de conteúdo pelo de cultura ocorre, não apenas pela realização da crítica, mas também pela necessidade de sair do "propriamente pedagógico", da análise pedagógica, para uma visão mais geral e abrangente da cultura e do pedagógico, da relação com o saber ensinado, com a ideologia dominante e a transformação social.

O conceito de alegria desenvolvido por Snyders não é uma alegria qualquer, é a alegria de compreender, de sentir, descobrir a realidade, de poder decifrá-la e sobre ela atuar, de romper com as inseguranças e incertezas, buscar a plenitude, as formas mais acabadas, seja nas artes, nas técnicas, na ciência, etc. (...). É a alegria de saber, de conhecer e poder escolher criticamente as diversas possibilidades oferecidas pela realidade. É o conceito de humanização do homem da filosofia marxista, ou seja, o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas. E esta alegria cultural está profundamente relacionada com a transformação da sociedade (CARVALHO, 1999).

Quando nos deparamos com os relatos dos alunos do PRIMA entendemos melhor a colocação de “alegria pela cultura” de Snyders, pois eles nos relatam que foi através do projeto que tiveram acesso a um teatro, não só eles, mas também os próprios pais, outros tiveram o primeiro contato com o mar proporcionado pela oportunidade de através do projeto viajar e conhecer a capital do estado. Muitos desses adolescentes sonham em ter acesso a um curso superior de música, muitos sonham em ter acesso a um instrumento que jamais poderia chegar às suas mãos se dependesse de sua família, e de repente se viram diante dos objetos de seus sonhos, e perceberam que poderiam sonhar e com dedicação até alcançar seus objetivos pessoais e profissionais.

Essa é a que podemos entender como inclusão social e cidadania a que o programa se propõe, contribuindo para a socialização dos alunos na escola e na comunidade e

através da arte o PRIMA se transforma em um facilitador da interação entre a escola, a família e a comunidade em geral.

A música tem uma linguagem universal de expressão e manifestação cultural. A música une as pessoas, todas as civilizações em todas as épocas também usaram a música como manifestação cultural. A música pode ser uma maneira de promover a inclusão social e também do desenvolvimento físico e mental das pessoas em todas as idades, funciona como terapia e pode contribuir para que o jovem em situação de vulnerabilidade seja mantido em uma ocupação prazerosa e desenvolva o senso de coletividade, de socialização e respeito mútuo (GABRIEL HIGUTE, 2018).

O papel da música como eixo condutor em políticas de inclusão social tem ocupado um espaço de destaque nos projetos que buscam, primordialmente, o resgate da dignidade e o pleno exercício da cidadania de crianças, adolescentes e adultos que de alguma forma estejam excluídos do convívio social em situação de risco. Estudos específicos apontam o impacto no processo de recuperação da identidade e da autoestima dos envolvidos nos projetos de inclusão que utilizam a música como eixo condutor. (SALLES, 2004 apud RIBEIRO, 2012, p.8).

A música faz parte da nossa vida, a música é uma maneira de nos expressarmos e demonstrar nossos sentimentos. Se estamos alegres cantamos, se estamos tristes também cantamos, ou seja, a música é uma expressão de nossos sentimentos, “É uma das formas mais criativas de se expressar, ela é capaz de nos libertar” (FREITAS, 2015).

A música está presente em diversas situações da vida humana. Existe música para adormecer, dançar, chorar os mortos e conchamar o povo a lutar, o que remonta a sua função ritualística. Presente na vida diária de alguns povos, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades e os momentos próprios de cada manifestação musical. Nesses contextos, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim começam a aprender suas tradições musicais. (RENATO, 1998, P.47 apud FREITAS, 2015).

Vários projetos a nível de governos estaduais e municipais, bem como ONGs, tem se dedicado ao trabalho de inclusão social e muitos projetos tem crescido e se tornado visíveis, parte deles tendo a música e a arte como objetos de inclusão. Poderia apresentar vários projetos que abordam o tema mas escolhi este trabalho para dar uma pequena amostra de como esta preocupação está tomando dimensões que nos leva a acreditar ser possível fazer diferente para nossas crianças e adolescentes.

O impacto que os projetos sociais, em particular os que trabalham com a música e as artes de um modo geral, têm proporcionado na vida de muitas crianças e adolescentes das zonas de periferia, das comunidades carentes tem sido refletido na transformação e na orientação de suas estratégias para viver em sociedade e se inserir nos meios sociais.

Podemos destacar também a importância dos projetos sociais e suas contribuições nas práticas educativas, em sua maioria pensados para suprir um problema ou necessidade social, além de promover mudanças na vida das pessoas e das comunidades onde estão inseridos.

Os projetos sociais geralmente são pensados e propostos para solucionar um problema ou uma necessidade social e seus objetivos, segundo Maximiniano (1997, p.20 Apud SOUZA; et al, 2014, p.11), são definidos em função de “um problema, oportunidade ou interesse de uma pessoa, grupo ou organização” Segundo Dias (2014), os projetos sociais destinam-se em geral às pessoas – sobretudo crianças e jovens – que vivem em condição de risco social, ou em situação de vulnerabilidade social, caracterizada por diversas circunstâncias, tais como pobreza, extrema pobreza, acesso reduzido aos benefícios sociais disponibilizados pelo Estado, vivência de rua, defasagem e/ou evasão escolar, dentre outros. (SANTOS, 2016)

A importância dos projetos sociais pode ser destacada no relato de Priscila Santana ex-diretora artística e pedagógica do PRIMA, maestrina, mestranda em música pela UFPB que relata a importância dos projetos sociais na sua trajetória musical e profissional. Por vir de uma família pobre, com poucos recursos, o acesso a um projeto social fez toda a diferença contribuindo para uma mudança de olhar para novos horizontes.

Comecei os estudos em projetos sociais, meus estudos em música foram em projetos sociais. Eu era exatamente o perfil de um aluno de projeto social, uma criança negra, de um bairro periférico, de uma área de vulnerabilidade social, com pouquíssimos recursos financeiros, quase nada, e que achou um projeto de música que dava aula gratuita, no caso o Pelourinho em Salvador – Bahia, eu morava no entorno e que foi uma porta para mim de novos horizontes, novos caminhos, novas possibilidades com a música e com o mundo. A partir dali eu segui em outros projetos sociais como aluna, até que entrei nesse projeto chamado Neojiba na Bahia que é um projeto de orquestras que bem parecido com o Prima, o Prima se inspirou nele, se você vê, o Prima se inspirou no Neojiba.

O depoimento de Priscila mostra o quanto os projetos sociais envolvendo música e educação foram importantes para a escolha dela frente a sua trajetória de formação. Os projetos além de corroborar para um empoderamento e inclusão social lhe ofereceram um norte de trabalho. Entre esses projetos conhecidos outros nem tanto, mas todos com o objetivo principal de através da música e das artes conseguirem transformar as vidas desses milhares de crianças e adolescentes além de proporcionar uma perspectiva de cidadania e inclusão, destacamos alguns:

O projeto “Música no Munim: musicalizando crianças e jovens” existe desde maio de 2009 na cidade de Morros no estado do Maranhão e trabalha o ensino coletivo de música para crianças e adolescentes na faixa etária de 8 a 16 anos. O projeto tem como

objetivo a tentativa de indicar a música como importante facilitador para a inclusão social e começou com o ensino coletivo de três instrumentos: flauta doce, violão e a partir de 2011, cavaquinho. No início do projeto Munim, aproximadamente 30 crianças faziam as aulas sendo que as aulas de flauta doce eram ministradas em frente à igreja e as aulas de violão no salão paroquial. Após quatro meses de funcionamento do projeto os alunos já colocavam em prática o que haviam aprendido e se apresentavam em diversos espaços sociais como praças, igrejas, escolas, no fórum e em outros eventos realizados no município.

Hoje o Munim ganhou o reconhecimento da sociedade e a prefeitura municipal fundou a Escola de Música de Morros em dezembro de 2012 e através de concurso público contratou professores para atuar na Escola. Assim, as aulas passaram a ser ministradas em suas próprias dependências. O espaço também passou a compartilhar outros projetos como o PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil e o Pró-Jovem.

Projeto como o “Projeto Som+Eu” foi fundado pela Associação Cultural de Amigos da Providência que por meio de aulas de educação musical para crianças e adolescentes, busca proporcionar qualidade de vida e desenvolvimento cultural e artístico com o intuito de promover a democratização e a ampliação da cultura. Funciona em duas sedes, uma no morro da Providência, na cidade do Rio de Janeiro e a outra em Campos Elíseos em Duque de Caxias (RJ), além de oferecer aulas para algumas escolas públicas.

A “ASMB – Ação Social pela Música do Brasil” é uma organização não governamental que se tornou realidade através do sonho de um maestro, David Machado, em 1994. A ASMB visa promover a inclusão Social e a formação da cidadania das crianças e adolescentes através da música clássica, que vivem em comunidades em situação de vulnerabilidade social, estimulando a formação de orquestras jovens. Funciona com cinco núcleos na cidade do Rio de Janeiro, dois em Petrópolis e um núcleo em Piraí além de contar com mais dois núcleos fora do Estado do Rio de Janeiro localizados em João Pessoa (PB) e Ji-paraná (RO).

O Projeto “Música para Todos” atende prioritariamente crianças e adolescentes de Teresina (PI) e de cidades vizinhas que cursam o ensino básico, mas também oferece cursos para jovens, adultos e idosos interessados. O projeto foi fundado em 1999 com o objetivo de investir no potencial e na sensibilidade humana, oferece cursos de bateria, contrabaixo elétrico e acústico, flauta, percussão, violão popular e erudito, violino, violoncelo e viola.

O “Praticatatum” é um projeto na cidade de São Paulo que começou a funcionar em 2008 oferecendo cursos de percussão gratuitos. O objetivo é promover a cidadania, a sensibilidade, as habilidades artísticas e intelectuais dos jovens, utilizando os valores que o conhecimento musical traz como trabalho em equipe, respeito mútuo e portfólio cultural, além de desenvolver a coordenação motora, a percepção auditiva e o espírito crítico do jovem. Atualmente tem cerca de 700 participantes de 6 a 20 anos estudando percussão, musicalização infantil, violão, guitarra, contrabaixo, teclados, instrumentos de sopro e corda.

Nesse capítulo apresentei a importância da educação e da música e a contribuição dos projetos sociais para o desenvolvimento educacional e social das crianças e adolescentes, apresentando um breve histórico de alguns desses projetos e o depoimento de uma ex-aluna que, a partir da participação em projetos de música, inspirou-se na sua escolha de formação educacional e profissional. No próximo capítulo irei apresentar o resultado do meu trabalho de campo junto ao PRIMA.

CAPÍTULO III – O QUE DIZEM OS DE DENTRO: A REDE EM TORNO DO PRIMA

Nesse capítulo trago meus dados e achados de campo. Procuro analisar, prioritariamente, a fala dos meus informantes. Durante nossas conversas e entrevistas apareceram temas com muita frequência e que considero necessários para nossa discussão. São eles: família, profissão (futuro incerto/insegurança mercado de trabalho), autoestima, trabalho em equipe, reconhecimento social, entre outros.

Com aporte teórico farei a análise dos principais temas abordados como inclusão social, família, profissão, autoestima, trabalho em equipe, reconhecimento social.

O papel da música como eixo condutor em políticas de inclusão social tem ocupado um espaço de destaque nos projetos que buscam, primordialmente, o resgate da dignidade e o pleno exercício da cidadania de crianças, adolescentes e adultos que de alguma forma estejam excluídos do convívio social em situação de risco. (SALLES, 2004 apud OLIVEIRA, 2006).

A ideia de inclusão social no conceito que o Prima trabalha passa pelo sentimento que desperta no aluno quando ele se sente prestigiado, quando estimula sua autoestima, quando ele sente que o programa pode levá-lo a alcançar voos que antes eram inimagináveis pois a sua família, a sua escola e a sua comunidade não fazem parte do círculo cultural de sua cidade, que a sua cidade não lhe oferece acesso à cultura. Esse acesso à cultura, aos

bens culturais e artísticos é um dos principais caminhos para viabilizar seu projeto de cidadania. Com o projeto de música através da escola não só a escola passa a ter um empoderamento social como também os alunos, a família e a comunidade entram nesse circuito.

Nas palavras do Diretor Geral do projeto:

Na experiência, quando foi criado em 2012 pelo secretário de cultura na época, Chico César com o maestro Alex Kleim com a intenção de atender preferencialmente aos alunos da rede pública e escolas em área de vulnerabilidade social, para utilizar a música como um meio e não um fim, para dar mais um suporte, mais uma ferramenta para o fortalecimento e o desenvolvimento desses alunos porque a música de orquestra trabalha, é um trabalho de música em grupo e facilita, facilita ou ajuda essa convivência com as diferenças, ele contribui para uma disciplina também e isso reflete de certa forma na vida dele. Então temos depoimentos importantes sobre desenvolver mentalmente, melhora na disciplina escolar, comportamento na escola, com os amigos, pessoas que relatam inclusive que esse programa causa um movimento nessas crianças e jovens.

Participar dos concertos, conhecer um teatro, conhecer outros espaços culturais, viajar são passos importantes para essas crianças e adolescentes se sentirem fazendo parte dessa sociedade da qual eles sempre se viram excluídos. Quando esse adolescente diz “eu nunca tinha entrado em um teatro e foi na apresentação do Teatro Santa Rosa que eu entrei pela primeira vez e fiquei encantada” isso mostra que ela sabe a importância de espaços como o teatro e que tendo oportunidade/sabendo da existência desses lugares irá valorizar esses espaços. Ela tem a oportunidade de usar e fazer parte da história desses espaços. Sobre a importância de museus e espaços que reúnam história, Marilena Chauí questiona:

Por que não oferecer condições para que possam criar formas de registro e preservação da sua memória, da qual são os sujeitos? Por que não oferecer condições teóricas e técnicas para que, conhecendo as várias modalidades de suportes da memória (documentos, escritos, fotografias, filmes, objetos, etc.), possam preservar sua própria criação como memória social? Não se trata, portanto, de excluir as pessoas da produção cultural e sim de, alargando o conceito de cultura para além do campo restrito das belas-artes, garantir a elas que, naquilo em que são sujeitos da sua obra, tenham o direito de produzi-la da melhor forma possível. (CHAUÍ, 2008, p. 66).

Para os alunos do projeto o acesso ao programa contribuiu não apenas para um maior aprimoramento musical como também um meio de acesso a uma agenda cultural mais abrangente, não apenas através de acesso ao teatro. A procura de melhores oportunidades e experiências ele conseguirá ter um contato mais próximo e uma oportunidade de aprender com as experiências de outras pessoas de visibilidade desse mundo musical.

O Prima me possibilitou muitas coisas, tipo antes eu fazia extensão de violoncelo no IF aí eu pensei, eu vou entrar no Prima para poder conhecer mais gente que toca e para poder tocar em grupo porque até então eu não tocava em grupo, aí no primeiro ano que eu entrei eu já pude participar do grande concerto que a gente se apresentou lá no Espaço Cultural para muita gente, era muita gente tocando também, foi uma experiência muito boa e desde então eu continuei no Prima, pelas oportunidades que eles trazem, tipo eu pude conhecer maestros de fora, dia 21, 22 agora (novembro de 2018) veio um maestro que ele rege a orquestra de Berlim, ele é um dos três maestros de lá, ele deu uma palestra para a gente, foi muito bom e essa oportunidade eu não teria se eu não fizesse parte do Prima. (F.M. 18 anos)

A família tem um papel muito importante nesse contexto de aprendizagem. A família é a instituição na qual o jovem está primeiramente inserido, onde ele começa o processo de aprendizagem, onde se sente seguro e, na maioria das vezes é onde ele se espelha, onde ele vai buscar suas primeiras inspirações.

Assim, por exemplo, o *habitus* adquirido na família está no princípio da estruturação das experiências escolares (e em particular, da recepção e da assimilação da mensagem propriamente pedagógica), o *habitus* transformado pela ação escolar, ela mesma diversificada, estando por sua vez no princípio da estruturação de todas as experiências ulteriores (por exemplo, da recepção e da assimilação das mensagens produzidas e difundidas pela indústria cultural ou das experiências profissionais) e assim por diante, de reestruturação em reestruturação” (BOURDIEU 1994, p. 80).

A família faz tanto o papel de incentivadora, dando apoio e participando dos eventos, mas as vezes também externando suas dúvidas e desalentos. Tomei o exemplo de um adolescente que faz parte de uma família que vem de músicos, conhece a música, conviveu sempre com a música, mas na hora da escolha como profissão ainda desperta incertezas, mesmo gostando de música.

Eu sempre gostei de música clássica, a família de meu pai quase todos são músicos, por isso gosto muito de música. Ainda não sei que profissão vou escolher e se vou continuar, queria muito continuar com a música, mas a minha mãe não gostaria que eu seguisse a carreira musical porque meu pai foi músico e não deu muito certo. (C. 18 anos)

A participação da família também é muito importante para o sucesso do adolescente no projeto. Com o apoio e o incentivo da família esses alunos vão construindo um futuro profissional, um projeto de vida, mesmo que seja uma profissão que irá demandar um esforço maior, eles estão dispostos a tentar.

Eu conheci o Prima quando estudava em outra escola a Antônia Rangel (EEEFM Antônia Rangel), aqui na Torre, aí o Prima era lá, aí mudou para cá, aí tive que vir pra cá porque o Prima era lá e agora é aqui, conheci o Prima lá, quando vim morar em João Pessoa eu já sabia tocar flauta, aí não tive muito aprendizado, eu realmente comecei esse ano no Prima a aprender a fazer a aula, o que é muito importante porque minha família me apoia, me incentiva e eu pretendo continuar no Prima e

continuar como músico mesmo sabendo que é difícil mas a gente vai seguindo.(L. D. 16 anos)

Através da música esses adolescentes percebem que podem proporcionar a sua família momentos de felicidade e orgulho. A partir dessas vivências vão construindo seus sonhos e também se sentem estimulados a propiciar para suas famílias outras opções como futuro profissional.

Meus pais acham muito bonito quando eu fico pegando em casa para tocar, eles ficam dizendo, minha filha sabe tocar e tal, aí é uma coisa muito boa porque além de você ficar feliz, eles também ficam. Mas eu pretendo fazer a faculdade de direito, mas eu gosto muito de música, isso pode ajudar também profissionalmente, não tem, prá um aperreio em casa você toca para ajudar a família, é muito bom aprender a tocar isso, não é só isso, tem mais instrumentos o Prima tem muitos instrumentos. (R. 15 anos)

A preocupação da família com o futuro dos filhos passa pela vontade de que eles sejam bem-sucedidos na vida. Esse sucesso vem necessariamente, segundo a lógica deles, pela educação pois é na educação que ele fará suas escolhas profissionais, por isso alguns alunos vêm a música, a educação musical, como um passo para uma ascensão profissional.

O Prima para mim tem sido uma coisa maravilhosa porque eu consegui aprender a música e eu acho um negócio bem interessante porque com a música você pode levar sentimento a vida das pessoas. Meus pais acham bom porque é um avanço na vida. Pelo Prima eu já fui a diversos lugares, se não tivesse o Prima não teria oportunidade de tocar esse instrumento porque esses instrumentos são caríssimos e nem todo mundo tem condições de comprar um instrumento desses. Pretendo continuar tocando e me tornar um músico da UFPB. (...) Eu penso que quando eu me tornar músico eu vou querer tocar em vários lugares (...) a música tem transformado a minha vida. (...) Meus pais ficaram muito orgulhosos quando me viram tocar e eu pretendo no próximo ano continuar aqui. (R. 16 anos)

A música passa a ser uma opção profissional para esses jovens, ela vai além de um instrumento para a socialização e noção de cidadania, como é o caso de Priscila. É possível encontrar jovens no PRIMA que nutrem o desejo de se dedicarem à música, de trabalhar com música. A escolha da profissão não é algo fácil, requer amadurecimento, por isso alguns adolescentes sentem necessidade de trocar de opção durante o percurso, principalmente quando ele, por influência da família, não se sente muito seguro. Já outro aluno vê a música como sendo sua escolha profissional mesmo fazendo outro curso, mesmo sabendo de algumas dificuldades que pode enfrentar.

Eu comecei no Prima em 2012 no polo de Cabedelo, foi o primeiro polo, não tinha muitos instrumentos, não tinha o instrumento que eu queira que era o fagote, tinha outros instrumentos violão, teclado

e também elementos e instrumentos indígenas, da área indígena e também o coral infantil. Aí em 2013 chegou o fagote e eu toco até hoje. Mas eu não gostava tanto de música clássica quanto achava que gostava, inclusive eu até passei um ano fora, onde fui fazer faculdade, eu faço engenharia mecânica, esse ano que passei fora foi para me dedicar a faculdade, aí eu vi que eu não gosto tanto de engenharia mecânica como eu achei que gostava aí eu acabei voltando para o Prima porque o Prima é o único programa que eu vi que disponibiliza um instrumento tão diferente quanto o fagote e tem esse trabalho de orquestra.

Minha família no início, porque antes de eu entrar no Prima já tinha estudado seis anos violino, violão erudito, mas aí eu queria tocar fagote mas aí não tinha ainda esse instrumento e, mas não era uma coisa que eu acharia que se tornaria profissional por exemplo, e eu não tinha conhecimento de outros instrumentos eruditos também, aí eu tocava já violão muito tempo, aí a minha família no começo não gostava muito de música porque assim, eles veem como uma coisa que não é tão valorizada no Brasil por exemplo, e principalmente na Paraíba porque é um estado do nordeste, música clássica é pouco falada, e no começo eles ficavam, tipo, você pode ter outras opções, mas só que eu fui insistente e continuo até hoje. (L. L. 20 anos)

A autoestima contribui para que esses adolescentes se sintam responsáveis e valorizados no espaço social no qual estão inseridos. A medida em que o projeto coloca em suas mãos instrumentos “caríssimos que jamais teríamos condições de tocar” afirma outro.

Eu acho uma coisa muito massa porque é você assinar só um papel e você leva o instrumento para casa para você aprender, isso é uma confiança que nem muitas pessoas tem, que você acabou de conhecer aquela pessoa, não sabe como ela é, como ela veio, não sabe da vida dela, mas confia nela e dá aquele instrumento na mão dela para você levar para casa, é, então é uma coisa que eu acho muito bonita é que eles dão aqueles instrumentos, emprestam para você aprender, para você ser alguém na vida, para você se dedicar mais as coisas e também conhecer mais. (L. 14 anos)

Outra preocupação por parte da equipe pedagógica do PRIMA é fazer com que os participantes do projeto desenvolvam e trabalhem o espírito de cooperação, trabalho em equipe, disciplina, companheirismo e respeito. Para alguns participantes esse tipo de preocupação é importante para que eles possam ir adquirindo confiança, maturidade “porque quando chega na universidade tem que se virar sozinho, não tem esse apoio todo não”.

A prática musical em grupo é uma atividade social, pois a própria estrutura e a natureza da atividade em grupo a torna um fenômeno social. Assim como uma atividade desportiva em equipe, a música habilita as pessoas para trabalharem em conjunto para alcançar um objetivo comum. As pessoas se reúnem em torno do mesmo interesse que tocar instrumentos, e ainda que haja diferenças entre si, unem-se através da participação no grupo (MARTINEZ, 2012 apud RIBEIRO, 2012).

O trabalho em equipe requer disciplina, companheirismo, dedicação, respeito e espírito de solidariedade. E essas práticas vão sendo desenvolvidas nos encontros para os ensaios onde desde cedo os alunos vão tomando contato com o trabalho coletivo o que proporcionará uma contribuição para uma melhor convivência em grupo e um melhor desenvolvimento de relações interpessoais.

O massa do projeto é que não é apenas a aula de música, é uma aula de música em conjunto, são muitos instrumento, onde você vai, por exemplo, tocar violão, você vai procurar o repertório de música para o instrumento, você vai tocar em dueto, as vezes em trio, as vezes em quarteto, é uma imensidão de fluxos que pode montar, tem oportunidade de participar de várias atividades que são trabalhadas com os alunos que as vezes nem o próprio professor, que na própria universidade, não oferece essa quantidade de opções e incentivos. (L.L. 20 anos)

Ser reconhecido como alguém que faz algo diferente dentro de sua comunidade, como alguém que vai representá-la também é um incentivo, mesmo que profissionalmente não seja esse seu objetivo.

Para nos construirmos como seres humanos dependemos do ponto de vista dos outros a nosso respeito, em uma palavra, dependemos do reconhecimento que nos é dado pelos seres humanos à nossa volta, e, portanto, dependemos de realizar no dia a dia o que Bourdieu denomina como uma “luta simbólica pelo reconhecimento, pelo acesso a um ser social socialmente reconhecido, ou seja, numa palavra, à humanidade” (BOURDIEU 2007, p. 295 apud PRAXEDES, 2017).

Para o adolescente da periferia que não tem acesso a uma vida social e cultural em face das deficiências de sua condição econômica é através da educação que ela irá sonhar em alcançar suas realizações e sua participação na sociedade, nem que seja “apenas no seu bairro” que a sua visibilidade irá ascender. No caso desses adolescentes participantes do projeto, eles têm a oportunidade de se sentirem valorizados e reconhecidos através da arte da música. A consciência de saber que as pessoas “não esperam muito delas”, as vezes é a principal mola de incentivo.

Mas eu pretendo fazer a faculdade de direito, mas eu gosto muito de música, isso pode ajudar também profissionalmente, pra um aperreio em casa você pode tocar para ajudar a família. (...) A música ajuda muito até na escola, na comunidade, faz bem quando eu tiver na rua o povo dizer eu vi aquela menina tocando. Eu moro em um bairro pobre, São Rafael, aqui perto do Castelo Branco, aí quando eu passo para vim para o Prima, quando eu passo na rua com um instrumento bacana, o povo diz, você tá tocando é? Que legal! É lindo, não sei o que, eu digo, tô aprendendo! Porque você é de comunidade eles pensa que você não pode chegar a lugar nenhum, aí você mostra que é capaz, então e tal, eles se surpreende e ficam muito orgulhoso por ter uma pessoa dentro da comunidade que faz aquele trabalho, aí ele vai falar da sua história para o povo e aí vai influenciar alguém que não queira, aí vai até influenciar ele a conseguir os obstáculos na vida porque você tem que mostrar que é capaz de conseguir. (R. 15 anos)

Na escola a música permite que os alunos tenham seus primeiros contatos com a arte, e isto auxilia no desenvolvimento cultural, na formação humana quando estimula a sensibilidade “O aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo. ” (BRÉSCIA, 2003, p. 81 apud FREITAS, 2015).

Eu tenho um sonho desde pequena de ser policial, mas minha família sempre falou que era uma profissão arriscada, que arriscava muito a vida, essas coisas, mas eu, é uma coisa que eu tenho dentro de mim que fala mais forte do que eu, é um desejo muito forte. (...). É assim eu não gostava muito de música, gostava muito de cantar, eu faço coral da Unimed, eu nunca pensei em tocar um instrumento no Prima, aí eu fiquei sabendo aqui da escola mesmo, do Prima, aqui tem o Prima, eu disse o que é isso? Eu não conhecia muito porque eu não era acostumada muito com essas coisas.

Eu vim e eu acabei gostando porque foi uma coisa que me mexeu muito, acho muito bonito, muito, muito bonito mesmo. Uma coisa que a partir do momento que eu vi eu gostei de aprender, ah! É lindo, eu fui tocar e gostei e hoje em dia eu sei várias músicas. Todo mundo que quiser saber mais, é questão de tempo, todo mundo pode aprender, porque a gente tá aqui para aprender, né? E através da música também, eu não sei se eu vou me apaixonar, porque a pessoa pode muito bem se formar naquilo, porque pode ser muito bom, uma profissão que você pode dá aula também, porque muitos professores aqui também dá, e é, o muito bom disso é que não é só tocar, é fazer amizade, conhecer os outros, conhecer um pouco mais as outras pessoas, é viajar também eu acho muito legal, viajar também para tocar em outros cantos, para o povo conhecer o que você sabe, o que você faz, acho muito bom, muito bonito. E é uma oportunidade muito grande que eles dão as pessoas, de aprender, de entrar, aprender a tocar. Isso é uma oportunidade muito boa que a pessoa não pode deixar passar, só tem que agarrar. (L. 14 anos)

Nem sempre a música como profissão é a primeira opção profissional dos adolescentes, mesmo que estejam em contato com a música desde muito cedo. No caso de Priscila, que teve sua iniciação musical através de projetos sociais e hoje é maestrina, “não era a princípio um sonho”, já que ela estava estudando jornalismo, mas ao se deparar com a possibilidade de tocar com músicos de renome e a oportunidade de viajar e conhecer o mundo com a música, contribuiu para que “abrindo a mente” a outras culturas, também enxergasse outras oportunidades com a música.

Eu iniciei com o Neojiba em 2007, como flautista, eles tinham uma orquestra sinfônica jovem, eu comecei tocando lá, comecei junto com o projeto, mas já tocava flauta antes, e nesse projeto eu comecei a ver a música como uma profissão, comecei a ver a possibilidade de, eu já fazia jornalismo, eu já tinha entrado em jornalismo, mas eu comecei a ver que era possível eu me sustentar através da música e foi lá que eu comecei a ter uma consciência crítica de mundo muito maior, porque é, com a orquestra eu fui para Londres, fui para os Estados Unidos, eu fui para a Suíça, para Portugal, tive a oportunidade de tocar com grandes artistas brasileiros, né, Carlinhos Brown, com muitos da música clássica, da

música sinfônica, Daniela Mercury, e que com isso eu pude ir abrindo a minha mente, de possibilidades a minha mente de culturas, conhecendo outras culturas e nisso. Minha condição enquanto respeito a essas culturas, a essa diversidade, foi se ampliando nessas diversas oportunidades que eu fui tendo e dentro do Neojiba foi onde eu construí minha carreira, eu tive a grande oportunidade de construir minha carreira. No Neojiba eu comecei tocando na orquestra, depois virei monitora, depois virei professora, depois coordenadora e maestrina de um dos polos dele que tinha mais de 300 crianças e foi quando fui convidada para fazer a direção e a regência do Prima aqui na Paraíba, isso em 2016.

A oportunidade de trabalhar em outro estado se transforma em novo desafio porque além de ser maestrina, Priscila vinha com a responsabilidade da direção artística e pedagógica do PRIMA. Com a consciência da importância do programa com a cidadania, que não usa apenas a música para isso, o PRIMA exige dos diretores e professores do projeto a preocupação de trabalharem a autoestima dessas crianças e adolescentes, estimularem para o trabalho em grupo com valorização individual e em equipe, que contribui para o empoderamento desses alunos.

O Prima foi um enorme desafio, um desafio muito bom no sentido de que eu estaria aplicando alguns conceitos que eu achava que foram um pouco falhos no outro projeto que eu trabalhava que era o sentido de que, eu lembro que até você falou isso, se a inclusão de fato é feita, então, o conceito de inclusão que o Prima trabalha é justamente quando o Prima vai nas escolas e conversa com o aluno, é muito claro pra gente, de que o Prima é um programa de cidadania, que a música é um caminho para isso, então quando a gente tá trabalhando com os meninos a música, a gente quer que ele se sinta com autoestima, que ele se sinta valorizado, que ele se sinta que pode fazer algo bem que ele sinta o poder de ter uma escuta validada, que se sinta trabalhando em grupo, eu compartilhei com você a questão do projeto inaugural e lá já falava isso, que na orquestra um dos itens fundamentais da orquestra sinfônica é a afinação, afinação nada mais é do que duas batidas né, duas ondas sonoras estarem na mesma vibração, isso precisa ter duas pessoas e elas precisam estar se ouvindo para que você esteja afinado, então a gente procura sempre ressaltar isso, de que na orquestra, para ela tocar bem você precisa estar afinado com outro, você precisa fazer o seu dever de casa, estudar sua liçãozinha, mas é ali no conjunto que a coisa vai acontecer, ali você precisa, se for necessário, diminuir um pouco, aumentar um pouco, estar afinado, e nisso estar afinado é escutar o maestro, é escutar o colega do lado, é tá com o grupo e a sociedade é isso, a sociedade precisa estar com a escuta, democracia é isso, você está com a escuta, de escutar o outro e ser ouvido, no Prima a gente também tem isso na nossa avaliação, também os alunos são escutados no processo avaliativo, dos professores para saber como eles estão, e usando de um discurso empoderador, emancipador, como o discurso de a educação como um viés que empodera os alunos para que eles se sintam no poder de ter consciência, de assim, olha como eu ajudo minha comunidade, como eu posso ter acesso a outros caminhos, a outras perspectivas, e usar disso também como um retorno aqui dentro de minha comunidade.

A responsabilidade como diretora artística e pedagógica do programa acrescenta na preocupação da Priscila, a responsabilidade e a obrigação de incluir além da música

outros assuntos que também podem levar essas crianças e adolescentes a tomarem consciência da importância da educação não só musical, mas também tratar de temas como preconceito, gênero e violência.

Então a gente desperta esses olhares com esses alunos, a gente fez o Concerto da Consciência Negra, a gente tem feito isso há dois anos, a gente fala desde o início do ano sobre a questão do racismo no Brasil e a gente fala isso de uma forma leve porque a gente sabe que são adolescentes, então a música dá para você pautar tudo isso de uma forma leve, e a gente tem trabalhado muito com os meninos a questão, com todos eles, a questão de gênero, ou outras questões que são tão importantes como a própria violência contra a mulher, que são pautas importantes para o cotidiano deles e que muitos deles vivem isso cotidianamente.

A preocupação com a interação, o convívio do trabalho em grupo, a convivência e a troca de experiências faz com que o projeto esteja sempre promovendo o encontro entre os diversos polos. É um desafio fazer com que pessoas que mal se conhecem, muitas vezes nunca se viram, se juntem em um palco, com uma grande plateia e passem para o público uma mesma emoção, um mesmo sentimento que é a expressão da alegria através da música.

Uma vez por ano a gente faz esse Grande Concerto juntando alunos de todos os polos, que pra gente é um momento importante de troca entre eles e a gente ouve os depoimentos dos alunos (o vídeo tem um pouco sobre eles). São momentos importantes para eles, eles veem os colegas de João Pessoa, ele é lá do sertão, de Patos, de Catolé do Rocha e o colega dele de João Pessoa, está ensaiando a mesma música, eles nem se conhecem direito mas ali sentou do lado e eles estão tocando e a partir dali eles começam a conversar, começam a ser amigos, a gente ver isso com uma constância muito grande, eles falam o quanto aquilo é importante, a nível de territorialidade, também de ele ver que existe um mundo para além da cidade dele, do universo que ele vive. No meu mestrado eu estudo isso também, a questão da territorialidade, alguns alunos falam nos depoimentos deles, que ele nunca se viu para além de Cajazeiras, uma aluna falou que para ela, e o mundo dela, o mundo musical, era aqui ali, mas quando ela veio para João Pessoa pela primeira vez, pelo Prima, ela viu que o mundo é muito maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passado o tempo de pesquisa de campo e de leituras de bibliografias referentes ao tema, a conclusão à qual cheguei é que o projeto PRIMA, apesar de ainda está muito recente, tem uma carga de compromisso muito consistente e engajada, que a equipe do projeto é muito comprometida com os objetivos traçados e a cada ano esses compromissos vão se tornando mais abrangentes.

A partir desses acompanhamentos pude perceber que o projeto ainda precisa vencer alguns desafios, e acredito que um dos maiores, será fazer com que a Secretaria de Educação inclua o PRIMA na grade do Programa Escola Cidadã Integral, pois como o projeto funciona nas escolas estaduais, com a transformação dessas escolas em dedicação integral, o projeto terá que ser transferido para outras escolas e/ou outros espaços. Um outro desafio que percebi, diz respeito a permanência dessas crianças no projeto porque muitas não moram em casa própria, o que obriga as famílias a mudarem de bairro com frequência, o que também acarreta um tipo de evasão. Durante o trabalho de campo cheguei a questionar à direção do projeto sobre o percentual de evasão e fui informada que não existe uma pesquisa nem quantitativa e nem qualitativa sobre a evasão.

Ficou evidente que a direção tem consciência da necessidade desse trabalho de pesquisa como ferramenta necessária para que, o próprio grupo diretor do projeto, possa identificar quais os pontos principais a serem considerados a fim de elaborar um plano adequado para solução dessas demandas, de espaço e de evasão. No entanto, eles garantiram que já estão providenciando para que no menor espaço de tempo possível possamos dispor dessas informações.

O projeto tem procurado alcançar o maior número possível de participantes, tem utilizados de vários artifícios como a promoção de eventos na sede do projeto, no Casarão dos Azulejos e em vários outros espaços como o Teatro Santa Rosa, no Espaço Cultural, a estratégia tem sido fazer várias apresentações em espaços públicos. Exemplo disso é que no início do ano de 2019 eles desenvolveram uma programação bastante movimentada e, principalmente, traçaram medidas deixando claro o esforço diário para identificar e sanar as deficiências existentes no projeto.

A impressão que eu tenho baseada nos relatos dos alunos, é que o projeto PRIMA de uma maneira ou de outra vem cumprindo a sua missão de não apenas “ser uma escola de música, mas uma escola de cidadania” contribuindo para a formação cidadã dessas crianças e adolescentes. Ao estimular o trabalho em equipe e o respeito ao próximo também está ajudando a aflorar a sua autoestima, através do resgate de valores sociais e contribuindo para uma conscientização da educação como parte importante para o alcance de seus objetivos profissionais, e assim adquirir consciência crítica que contribua para sua inclusão social.

Por fim acredito na música como uma força capaz de ajuda a motivar as pessoas e que a música tem o poder de transformar a vida dessas crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria na prática*. In: Pierre Bourdieu. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1994.

CARVALHO, Roberto M. Barreto. *Georges Snyders: em busca da alegria na escola*. Florianópolis, v.17, n.32, p.151-170 jul./dez. 1999 (Acesso em: 18.04.2019).

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junho 2008.

CRUVINEL, Flávia Maria. *Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

<http://cienciaparaeducacao.org/eng/publicacao/cruvinel-flavia-maria-leao-e-efeitos-do-ensino-coletivo-na-iniciacao-instrumental-de-cordas-a-educacao-musical-como-meio-de-transformacao-social-in-55a-reuniao-anual-da-sbpc-2003-recife-a/> (Acesso em: 05.02.2019)

Elizane Priscila Santana: *Cidadania e projetos sócio-orquestrais* (recorte da pesquisa do mestrado em música na UFPB)

FREITAS, Ana Claudia. *A contribuição da música na construção do conhecimento na educação infantil*, (2015).

OLIVEIRA, Eliale Sudário. *Inclusão social através da música*. Monografia do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música. Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2006.

<http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/elialeoliveira.pdf> (Acesso em 04.04.2019)

PRIMA. Programa de Inclusão Social Através da Música e das Artes. Disponível em: <http://primaparaiba.com.br/>. (Acesso em: 12.09.2018).

RIBEIRO, Raimundo Luiz. *Inclusão através do projeto Música no Munim: musicalizando crianças e jovens* / Raimundo Luiz Ribeiro. – 2012.

TANSIR O.S. Santos e Maria Helena S.R. Santos. *Projetos sociais, música e educação: em uma perspectiva contemporânea*. 2016, Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional

<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/2480> (Acesso em 08.04.2019)

TEIXEIRA, Cristina. *Educação e inclusão social? Os limites do debate sobre o papel da escola na sociedade contemporânea*. Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005.

Valter Praxedes. *Pierre Bourdieu e a educação: a construção do habitus e os campos sociais*. 2017. (Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá – PR) <https://walterpraxedes.wordpress.com> (Acesso em 16.04.2019)

VENEZUELA. Fundación del Estado para El sistema Nacional de las Orquestas Juveniles e Infantiles de Venezuela. Disponível em: <http://fundamusical.org.ve/nucleos> (Acesso em: 29/11/2018)

Disponível em: www.neojibas.org/ (Acesso em 13.08.2018)

Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/7-projetos-que-usam-musica-como-ferramenta-de-transformacao/> (Acesso em 29/11/2018).

Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/11038/8838> (Acesso em 09.04.2019)

ANEXO 1: PROGRAMAÇÃO PRIMA 2018

A programação dos Recitais Didáticos realizados no ano de 2018 contou com aproximadamente 200 apresentações, assim distribuídas:

- “Sextou no Casarão” – Todas as sextas no Casarão dos Azulejos
- Recitais Didáticos no Teatro Santa Roza, uma vez por mês com apresentação de 2 a 3 polos que se apresentam fora do local de estudo (escola)
- 2 Recitais semestrais (todos os alunos dos polos participam), nos polos e de encerramento dos semestres
- Grandes Concertos de Julho, Consciência Negra e Dezembro.
- Convites a pedido das Secretarias e órgãos parceiros para eventos que dependendo da localização ou da necessidade e a disponibilidade (espaço físico) das apresentações é formado um grupo para se apresentar.

Tem ainda o Projeto Polo PRIMA Convida onde há um intercâmbio entre os polos, ou seja, os polos se apresentam em outros polos:

- Recitais do Teatro Irácles Pires Convida (Cajazeiras)
- Souza Convida
- Monteiro Convida
- Itaporanga Convida

ANEXO 2: FILOSOFIA CRESCENDO E CÓDIGO DE ÉTICA DO
PRIMA 2018

ANEXO 3: PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO PRIMA 2018

ANEXO 4: DIÁRIO OFICIAL DE 29 DE DEZEMBRO DE 2018

ANEXO 5–TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DOS RELATOS

Polo da Torre

L. L. tem 20 anos, já está fazendo faculdade de outro curso, cursa engenharia na UFPB, que não é na área da música. Começou no Prima no final de 2012, no começo do projeto, pelo polo de Cabedelo que na época foi o primeiro polo a ser aberto no Prima. “Inicialmente não tinha começado no meu instrumento agora que é o fagote, o instrumento que queria, que toco agora que é o fagote, tinha começado a tocar violão junto com uma turma de crianças que era turma de musicalização com a professora Lucíola, que fazia essa coisa de coral, violão, teclado, e também com elementos e instrumentos indígena, da área indígena e também músicas infantis e tudo mais. Depois foi para o contrabaixo porque na época os instrumentos do Prima não tinham chegado eu já tinha demonstrado interesse pelo fagote, mas como não tinha instrumento para os alunos, a gente usava os instrumentos da prefeitura, quando os instrumentos do Prima chegaram eu fui tocar fagote, comecei em 2013, maio, e toco até os dias de hoje. O Prima para mim foi uma descoberta, porque na realidade eu não gostava tanto de música clássica quanto achava que gostava e é porque o Prima criou uma oportunidade, abriu as portas na realidade para bandas sinfônicas, orquestras, que eu não tinha muito conhecimento até do meu instrumento não tinha ouvido falar do fagote, agora eu tenho planos para o fagote que antes eu não pensava que eu pudesse ter, inclusive eu até passei um ano fora, onde fui fazer faculdade, eu faço engenharia mecânica, esse ano que passei fora foi para me dedicar a faculdade, aí eu vi que eu não gosto tanto de engenharia mecânica como eu achei que gostava aí eu acabei ficando com o fagote aí eu acabei voltando para o Prima porque o Prima é o único programa que eu vi que disponibilizava um instrumento tão diferente quanto o fagote e tem esse trabalho de orquestra, então é isso”.

Perguntado sobre a família: “minha família, no início, porque antes de eu entrar no Prima já tinha estudado 6 anos violino, violão erudito, e mas não era uma coisa que eu acharia que se tornaria profissional por exemplo, e eu não tinha conhecimento de outros instrumentos eruditos também, aí eu tocava já violão muito tempo, aí a minha família no começo não gostava muita de música porque assim eles veem como uma coisa que não é tão valorizada no Brasil por exemplo, e é principalmente na Paraíba porque é um estado do nordeste música clássica é pouco falada, e no começo eles ficavam, tipo, você pode ter outras opções, mas só que eu fui insistente e continuo até hoje”.

Questionei sobre a participação no programa, se em algum polo teve ou tem crianças com necessidades especiais, Leandro Lucas lembrou que no polo de Cabedelo tinha inclusive uma criança autista que interagiu muito bem porque vai desenvolvendo também o respeito na orquestra porque começa a respeitar o colega, incentiva o companheirismo, a disciplina, “o massa do projeto é que não é apenas a aula de música, é uma aula de música em conjunto, são muitos instrumentos, onde você vai por exemplo, tocar violão, você vai procurar o repertório de música para o instrumento, você vai tocar em dueto, as vezes em trio, as vezes quarteto, é uma imensidão de fluxos que pode montar, tem oportunidade de participar de várias atividades que são trabalhadas com os alunos que as vezes nem o próprio professor, que na própria universidade, não oferece essa quantidade de opções e incentivo. Tem banda, tem repertório de banda, tem orquestra, tem quinteto de sopro, tem o grupo de metais, quando chega na universidade o aluno tem que se virar sozinho não tem esse apoio todo”.

C. tem 18 anos, estuda no IEP, está no 3º ano do Ensino Médio, começou no Prima em 2017, conheceu o Prima através de uma amiga que toca violino e que começou no Prima de Cabedelo e quando encerrou as atividades veio para o polo Tambiá por ser próximo da escola, ela sempre gostou de música clássica uma vez que a família do pai quase todos são músicos daí o interesse por música em geral. A convite da amiga veio conhecer, achou muito legal e se matriculou na primeira vez que foi, principalmente por é de graça e também não sabia que instrumento queria, daí está em dúvida entre flauta transversal, celo e clarinete e escolheu clarinete. Ainda não sabe que profissão vai escolher e se a música vai continuar, mas queria continuar no Prima, mas não sabe se vai poder, a mãe não gostaria que ela seguisse a carreira musical porque o pai foi músico e não deu muito certo.

L. D. tem 16 anos está no 2º ano do ensino médio na EEEFM Raul Cordula e conheceu o Prima quando chegou em João Pessoa em 2015. “Eu conheci o Prima quando estudava em outra escola a Antônia Rangel (EEEFM Antônia Rangel), aqui na Torre, aí o Prima era lá aí mudou para cá, aí tive que vir pra cá porque o Prima era lá e agora é aqui, conheci o Prima lá, quando vim morar em João Pessoa eu já sabia tocar flauta, aí não tive muito aprendizado, eu realmente comecei esse ano no Prima a aprender a fazer

a aula o que é muito importante porque minha família me apoia, me incentiva e eu pretendo continuar no Prima e continuar como músico mesmo sabendo que é difícil mas a gente vai seguindo”. (Estava com pressa porque estava para começar o ensaio).

F. tem 18 anos estuda no IFPB Contabilidade, entrou no Prima em 2016. Diz que “o Prima me possibilitou muitas coisas, tipo antes eu fazia extensão de violoncelo no IF aí eu pensei, eu vou entrar no Prima para poder conhecer mais gente que toca e para poder tocar em grupo porque até então eu não tocava em grupo, aí no primeiro ano que eu entrei eu já pude participar do grande concerto que a gente se apresentou lá no Espaço Cultural para muita gente, era muita gente tocando também, foi uma experiência muito boa, e desde então eu continuei no Prima, pelas oportunidades que eles trazem, tipo eu pude conhecer maestros de fora, dia 21, 22 agora (novembro 2018) veio um maestro que ele rege a orquestra de Berlim, ele é um dos três maestros de lá, ele deu uma palestra para agente, foi muito bom, e essa oportunidade eu não teria se eu não fizesse parte do Prima. Eu ainda estou com essa incógnita se pretendo seguir na música porque é um mercado aqui que ainda não tem muita aceitação, não tem muito requerimento por assim dizer, e aí fica complicado porque é incerto. Meus pais me incentivam se eu quiser seguir na música, eles permitem só que fica aquele negócio, vou ou não vou, ainda estou pensando embora meus professores me incentivem muito. Eu teria que sair porque tenho já 18 anos, mas como meu instrumento é próprio eu posso ficar. Aqui, lá no IF também tem uma orquestra, só que a orquestra de lá toca menos e também só quem pode participar é quem já tem mais experiência. Então aqui incentiva mais”.

R. G. tem 16 anos estuda na Escola João Jose da Costa e faz o 2º ano. “Bom, entrei no Prima faz 2 anos e meio, toco clarinete, instrumento de sopro, e o Prima tem sido uma coisa maravilhosa para mim porque eu consegui aprender a música, e eu acho um negócio bem interessante porque com a música você pode levar sentimento a vida das pessoas. Meus pais acham bom porque é um avanço na vida. Bom pelo Prima eu já fui a diversos lugares, se não tivesse o Prima não teria oportunidade de tocar esse instrumento porque esses instrumentos são caríssimos e nem todo mundo tem condições de comprar um instrumento desses. Pretendo continuar tocando e me tornar um músico da UFPB. Depois que eu entrei no Prima que comecei a ver que gostava de música, aí foi se tornando

uma coisa muito boa para mim. Eu penso que quando eu me tornar músico eu vou querer tocar em vários lugares e tipo eu passei a gostar muito de música, a música tem transformado a minha vida. E é muito bom pra mim porque eu não estudo na escola mas moro bem perto, umas três ruas. Meus pais ficaram muito orgulhosos quando me viram tocar e eu pretendo no próximo ano continuar aqui”.

D. tem 13 anos, está no 7º ano, estuda na EEEFM Raul Cordula. “Eu entrei pro Prima porque eu gosto muito de instrumentos e da orquestra, entrei esse ano (2018), minha família acha super legal eu participar do Prima já que é música e minha mãe sempre gostou de música. Eu estou aqui na escola de manhã e estudo música de tarde. Estudar música é muito bom pra mim, eu quero estudar música na faculdade. Eu moro aqui perto e venho sozinho e quero estudar trompete, eu já estou tocando na orquestra. Meu tio Almir e minha tia Marcela que disseram pra minha mãe também. O que eu quero é tocar nos Devotos”.

R. tem 15 anos, está no 6º ano, estuda na EEEFM Raul Cordula. Diz “e o que me fez entrar no Prima, me levou a isso foi porque eu gosto, eu tive interesse de aprender. Eu entrei esse ano (2018) e escolhi o violino. Meus pais acham muito bonito quando eu fico pegando em casa para tocar, eles ficam dizendo, minha filha não sei o que, sabe tocar e tal, aí é uma coisa muito boa porque além de você ficar feliz, eles também ficam. Mas eu pretendo fazer a faculdade de direito, mas eu gosto muito de música, isso pode ajudar também profissionalmente, não tem, pra um aperreio em casa você toca para ajudar a família, é muito bom aprender a tocar isso, não é só isso, tem mais instrumentos o Prima tem muitos instrumentos. A música ajuda muito até na Escola, na comunidade, faz bem, quando eu tiver na rua o povo dizer eu vi aquela menina tocando. Eu moro em um bairro ‘pobre, São Rafael, aqui perto do Castelo Branco, aí quando eu passo para vim para o Prima, quando eu passo na rua com um instrumento bacana, o povo diz você tá tocando, é? Que legal! É lindo, não sei o que, eu digo tô, tô aprendendo. Porque você é de comunidade eles pensa que você não pode chegar a lugar nenhum, aí você mostra que é capaz, então e tal, então eles se surpreende, e ficam muito orgulhosos por ter uma pessoa dentro da comunidade que faz aquele trabalho aí ele vai poder falar da sua história para o povo e aí vai até influenciar alguém que não queira, aí vai até influenciar ele a conseguir

os obstáculos na vida porque você tem que mostrar que você é capaz de conseguir. Na minha igreja a minha amiga disse, aí ela falou lá para a igreja, para a minha pastora, aí a minha pastora disse: eu quero aprender, tu me ensina? Aí os pastor já começou a dizer que queria ver eu tocando na igreja, que a igreja precisava de um instrumento desse. Então eu posso trabalhar na semana de advogada e no domingo tocar na igreja. Minha prima, inclusive, vai vir de Campina Grande, eu falei para minha avó, sobre aqui e tal, a escola, ela vai vir para estudar aqui ano que vem. A Escola fica mais conhecida. É uma confiança, eles entregam os instrumentos, eles tem muita confiança. Eu acho um trabalho muito lindo, fico orgulhosa, os professores tiram um pouco de tempo deles para vir ensinar. Meu professor mesmo teve muitas vezes que ele chegou e não tinha ninguém para ensinar e aí ele vem por gratidão, prá ajudar, pra ver aquele menino crescer, aquela menina, e aí eles não procuram isso. Eles ensinam com bom gosto, com carinho para ver o aluno crescer porque o estudo é a única coisa que vão levar eles a algum canto, sem estudar eles não vão ser nada, ninguém nunca vai ser nada sem estudo, vai o que? Trabalhar de faxineira na casa dos outros, se bem que isso não é um emprego ruim não, né? Mas aí estudando ela poderia ter um emprego melhor para a vida dela”.

L. tem 14 anos e estuda na EEEFM Raul Cordula, toca violoncelo (irmã de R.). “Eu tenho um sonho desde pequena de ser policial, mas minha família sempre falou que era uma profissão arriscada, que arriscava muito a vida, essas coisas, mas eu, é uma coisa que eu tenho dentro de mim que fala mais forte do que eu, é um desejo muito forte e eu já pensei em ser juíza, essas coisas, advogada, mas nunca “coisei”, então eu meu foco é ser policial, eu não sei se daqui para a frente eu vou apostar de outra coisa, de outra profissão, mas por enquanto é só essa mesmo. É assim eu não gostava muito de música, gostava muito de cantar, eu faço coral da UNIMED, eu nunca pensei em tocar um instrumento no Prima, aí eu fiquei sabendo aqui da escola mesmo, do Prima, aqui tem o Prima, eu disse o que é isso? Eu não conhecia muito porque eu não era acostumada muito com essas coisas, aí teve um dia que eu vim aí queria tocar violino sendo que, foram aí umas coisas que aconteceram sobre que eu fui chamada de invejosa só porque umas amigas minhas tocavam, aí chamavam de invejosa aí eu, ah, não quero mais, não sei o que, aí o homem fez, tem o celo ele é bem bom, ele vai combinar muito com você e é um instrumento muito mais fácil, muito mais bonito, aí eu, ah eu vou tal, qual é o dia, aí ele , é a 2ª e na 4ª, vá falar com a professora, pode experimentar, se você não quiser pode ir

para outro. Eu vim e eu acabei gostando porque foi uma coisa que me mexeu muito, acho muito bonito, muito, muito bonito mesmo. Uma coisa que a partir do momento que eu vi eu gostei de aprender, ah! É lindo, eu fui tocar e gostei e hoje em dia eu sei várias músicas. Todo mundo que quiser saber mais, é questão de tempo, todo mundo pode aprender, porque a gente tá aqui para aprender, né? E através da música também, eu não sei se eu vou me apaixonar, porque a pessoa pode muito bem se formar naquilo, porque pode ser muito bom, uma profissão que você pode dá aula também, porque muitos professores aqui também dá, e é, o muito bom disso é que não é só tocar, é fazer amizade, conhecer os outros, conhecer um pouco mais as outras pessoas, é viajar também eu acho muito legal, viajar também para tocar em outros cantos, para o povo conhecer o que você sabe, o que você faz, acho muito bom, muito bonito. E é uma oportunidade muito grande que eles dão as pessoas, de aprender, de entrar, aprender a tocar. Isso é uma oportunidade muito boa que a pessoa não pode deixar passar, só tem que agarrar. Aí tem gente que chega aqui aí, e vê o professor passando tarefa e diz, ah! Eu então vou fazer, não sei o que, falta até de respeito porque o professor tira o seu tempo e vem dá aula para você, ele não quer o seu mau, mas o que ele reclama, só quer o seu bem, quer que você passe de ano, que você seja alguém na vida. Então a gente tem que reconhecer isso e meter a cara nos estudos como minha irmã diz, sem estudar a gente não é nada, a gente tem que estudar, muito, muito, para ser, para ter uma profissão melhor, para ter dinheiro para ajudar a você mesmo e a sua família. A única solução é você estudar e meter a cara mesmo, porque sem isso, e eu acho uma coisa muito massa porque é você assinar só um papel e você leva o instrumento para casa para você aprender, isso é uma confiança que nem muitas pessoas tem, que você acabou de conhecer aquela pessoa, não sabe como ela é, como ela veio, não sabe da vida dela, mas você confia nela e dá aquele instrumento na mão dela para você levar para casa, é, então é uma coisa que eu acho muito bonita é que eles dão aqueles instrumentos, emprestam para você aprender, para você ser alguém na vida, para você se dedicar mais as coisas e também conhecer mais. Meu pai não terminou os estudos, estudou só até o 2º ano, minha mãe também só estudou até o 6º. Minha mãe trabalha em um negócio de idosos, uma casa de idosos, na Vicentina, e meu pai trabalha é em um supermercado. A minha irmã de 16 anos parou de estudar só porque os amigos pararam de estudar ela também parou, fica em casa sem fazer nada e eu, ou mulher vai estudar, como é que tu vai ser médica, tu não quer ser médica, tem que estudar, e hoje em dia é uma coisa que você tem que estudar mesmo, que é muito difícil passar no ENEM, essas coisas para ter pontos para ser médica, essas coisas, então vai estudar, mete a cara nos

estudos, porque sem estudo você não vai conseguir ser médica, você não vai chegar naquilo que você quer, mesmo que você ache chato tá ouvindo aquilo, tá estudando aqueles negócios, mas você tem que entender que é para melhorar sua vida, é uma coisa que você vai agradecer aqueles professor por ter lhe ensinado. Meu pai e minha mãe poderiam ter um emprego melhor, muito melhor. Meu sonho é viajar e conhecer o mundo inteiro”.

L. P. está no primeiro ano do ensino médio na EEEM Raul Cordula. “Eu entrei no Prima, porque queria tocar na banda marcial na escola mas aí a banda marcial saiu, aí eles entraram falando quem queria participar aí eu entrei porque como eu gosto de música, tocava guitarra e entrei porque eu gosto de música e comecei a tocar violino passou todo esse tempo e agora vão sair, não vai ter mais, não sei mais o que vou fazer, eu queria continuar tocando mas disseram que vão sair, eu sempre quis tocar violino mas não tinha dinheiro para comprar um, eles tavam falando que ia colocar o de noite ou a gente ia para outro lugar, eu queria tocar violino antes mas nem falava para meus pais porque não ia ter dinheiro para isso aí quando o prima entrou (na escola) eu me inscrevi e fiquei aqui, se ficasse a noite eu podia vir, eu moro aqui perto, na rua, eu queria fazer faculdade de música só que tem que ter um estudo antes. Eu queria conhecer outros instrumentos antes mas comecei primeiro com o violino porque guitarra eu já sabia porque comecei a tocar sozinho em casa. Quando eu entrei aqui eu queria também saxofone, mas não tinha aqui aí eu escolhi violino. Eu já me apresentei duas vezes só, na orquestra, no teatro santa rosa e aqui e eu só tenho um ano no Prima, o bom desse programa é isso né, a inclusão. A gente tem acesso a instrumentos que nunca teria. É tão bom, eu não sei porque o projeto está saindo daqui. Eles podiam colocar as aulas a noite. Mas eu sei que a noite é difícil porque tem muita gente que mora longe, eu não tenho problema porque moro perto, né! Fica difícil né. Como escola integral tem tudo, mas não vi ninguém falando de música, só vi esses cursos de anatomia, essas coisas assim dança, foi oferecido outras coisas para fazer a tarde, mas não falaram de música, falaram de dança, outras coisas, mas eu não quero”.

Polo da Penha

Conheci o caso de um rapaz que é vizinho da escola e hoje trabalha lá. Ele já terminou o ensino médio, não está mais estudando. Ele faz parte da igreja, de um grupo e a coordenadora de lá é amiga da diretora dessa escola. A coordenadora então fez um convite dizendo que estava acontecendo um programa, uma escola de música, que tinha

instrumentos legais que ele deveria se interessar e procurar saber já que é na escola vizinho da casa onde ele mora. No dia ele perdeu o horário, mas a diretora ligou perguntando se ele não ia participar do curso de música, ele imediatamente foi. Ele começou a estudar contrabaixo, depois passou para a viola e agora está na flauta. Ele conta que o dia a dia até o ano passado era só estudar pela manhã, e a tarde estudando música, mas que mesmo assim ele passava o dia todo na escola estudando, estudando mesmo nos dias que não tinha aula, depois no final do ano encerrou e agora começou de novo. “Agora graças a deus comecei a trabalhar de manhã e à tarde aqui na escola”. Mas aí ficou sem tempo para fazer o curso de música, resolveu então conversar com a coordenadora que falou com a diretora e arranhou um horário melhor depois do trabalho, trabalhava até as quatro só tinha uma hora de música, mas agora com um reajuste no horário de novo, trabalha até as três e agora tenho duas horas de música. Ele terminou o ensino médio agora está trabalhando e estudando para entrar na universidade, “quero fazer biblioteconomia. Esse era o meu pensamento antes de conhecer o Prima, música, sempre fui apaixonado por música, sempre pensava no interior que a música não é apenas palavra cantando e tocando, tem algo mais profundo e com o Prima eu aprendi o que há, compasso, há nota, há uma leveza interior dá, pra se encontrar ainda”. Ele conta “a música me ajuda, ajuda muito no dia a dia. A gente diz, música é fácil você toca canta, mas não é não, é uma coisa mais difícil, você tem de entender toca de ouvido, conseguir um tom, é como as coisas da vida também, nada é fácil, tem que lutar, então na música tem que aprender a tocar e na vida tem que aprender a viver, então essa junção é ótima. Já estou até pensando em mudar, se vou continuar querendo fazer biblioteconomia. Eu nunca estudei nessa escola, mas moro vizinho da escola, aí me ajuda muito eu vir aqui estudar música. É muito bom morar nessa parte da cidade, é maravilhoso, é calmo, o povo fica até altas horas da noite na praça, na rua mesmo em sua cadeirinha conversando com o pessoal passando. Eu pensava Antes do Prima meu sonho era violino ,é lindo, muito lindo, mas eu perdi o gosto, meu sonho era violino, mas tava cheio, passei para viola que é quase parecido, porém tive uma dificuldade porque sou muito magro mesmo aí batia nos ossos, me machucava, passei para o contrabaixo, mas é um instrumento maior do que eu, aí eu beleza, mais eu não conectava aí eu parei, mas aí os professores, bora voltar, bora voltar e eu não, não dá, eu trabalho, mas eles insistiram, e eu, qual o instrumento? flauta, bora tentar, no primeiro dia não foi tão fácil, mas foi uma pegada jeitosa, consegui e até hoje. No concerto de final de ano, a gente aprende, tipo tem a primeira parte e a segunda parte, eu nunca tinha ido a um teatro antes, fui começar a ir por causa do Prima, fui no Santa

Rosa, Paulo Pontes, e com ele você aprende que um toca a metade de música e o outro toca a outra, então as músicas vão conectar, se você não tocar o outro se perde o mesmo com você, é convivência, você vai convivendo, vai aprendendo, é lindo esta arte, arte da música”. Com relação aos pais ele completa, “como dizem, ignorante é aquele que não entende de música, eles também não apoiam, não conhece muito, então não apoia, eles não acham que seja importante tocar outros instrumentos, queriam que eu tocasse violão, “toca violão que é melhor”. Pergunta toca o que? Flauta transversal. É o que, como é que é, é aquela pequenininha?”.

Depoimento de uma mãe: “eu botei minha filha nessa escola, por segurança, para o estudo dela futuro, daqui pra frente ela vai me agradecer muito o que eu estou fazendo por ela, e o que tiver de educação daqui pra frente eu tou botando ela, que é um estudo bom, o colégio dá bom exemplo porque se não desse a gente não colocaria nossos filhos. Mas pra ela crescer na vida, ser alguém, ter um emprego bom, porque em rua as amizades não presta, mas colégio primeiramente você vai aprender o seu futuro e em breve ela vai para uma faculdade se deus quiser, crescer na vida e eu peço a deus que ela termine os estudos todinho. Minha filha tem 16 anos e vai fazer primeiro ano e eu botei ela para aprender música para entreter a cabeça porque jovens no dia de hoje, se não tiver uma mente ocupada só faz besteira na vida. Ela vai aprender mais, vai ter mais educação vai entreter mais a mente, crescer, quem sabe daqui pra lá ela vai poder fazer aula de canto e crescer muito mais. Aqui o colégio é a coisa melhor que tem. Foi a coisa melhor que fizeram no colégio é colocar uma criança além das crianças estudar ter uma aula de canto, um instrumento, e mais alguma coisa para entreter a criança porque jovem no dia de hoje, se não tiver alguma coisa para entreter a cabeça eles viram o que não presta. Porque a mãe não tá vendo, a mãe trabalho não tá vendo o dia a dia da criança e ela no colégio tá aprendendo alguma coisa para o futuro. Tem seis filhos e todos estudam e eu coloco, o que eu tiver de colégio bom eu coloco minhas filhas para ter um futuro bom, porque o que eu não tive, pelo menos meus filho vai ter. porque meu negócio é só trabalhar, trabalhar. Eu não quero que meus filhos faça isso eu quero que estude, estude, termine a faculdade para eles crescer na vida, ser alguém né; Eu o que eu digo estude, estude, faça faculdade para crescer na vida e ser alguém porque sem estudo a gente não é ninguém”.

Priscila Santana: Comecei os estudos em projetos sociais, meus estudos em música foram em projetos sociais. Eu era exatamente o perfil de um aluno de projeto social, uma criança negra, de um bairro periférico, de uma área de vulnerabilidade social, com pouquíssimos recursos financeiros, quase nada, e que achou um projeto de música que dava aula gratuita, no caso o Pelourinho em Salvador – Bahia, eu morava no entorno e que foi uma porta para mim de novos horizontes, novos caminhos, novas possibilidades com a música e com o mundo. A partir dali eu segui em outros projetos sociais como aluna, até que entrei nesse projeto chamado NEOJIBA na Bahia que é um projeto de orquestras que bem parecido com o Prima, o Prima se inspirou nele, se você vê, o Prima se inspirou no NEOJIBA. Eu iniciei com o NEOJIBA em 2007, como flautista, eles tinham uma orquestra sinfônica jovem, eu comecei tocando lá, comecei junto com o projeto, mas já tocava flauta antes, e nesse projeto eu comecei a ver a música como uma profissão, comecei a ver a possibilidade de, eu já fazia jornalismo, eu já tinha entrado em jornalismo, mas eu comecei a ver que era possível eu me sustentar através da música e foi lá que eu comecei a ter uma consciência crítica de mundo muito maior, porque é, com a orquestra eu fui para Londres, fui para os Estados Unidos, eu fui para a Suíça, para Portugal, tive a oportunidade de tocar com grandes artistas brasileiros, né, Carlinhos Brown, com muitos da música clássica, da música sinfônica, Daniela Mercury, e que com isso eu pude ir abrindo a minha mente, de possibilidades a minha mente de culturas, conhecendo outras culturas e nisso. Minha condição enquanto respeito a essas culturas, a essa diversidade, foi se ampliando nessas diversas oportunidades que eu fui tendo e dentro do NEOJIBA foi onde eu construí minha carreira, eu tive a grande oportunidade de construir minha carreira. No NEOJIBA eu comecei tocando na orquestra, depois virei monitora, depois virei professora, depois coordenadora e maestrina de um dos polos dele que tinha mais de 300 crianças e foi quando fui convidada para fazer a direção e a regência do Prima aqui na Paraíba, isso em 2016, foi quando o antigo maestro do Prima, Alex Kleim, que era também o maestro fundador do Prima que tava desde de 2012, ele era meu professor no NEOJIBA, então a gente sempre trocava figurinha, ele era meu professor de instrumento no NEOJIBA, mas a gente sempre trocava figurinha a nível de gestão, porque eu já estava na atividade de gestão lá quando ele começou a implantar o Prima aqui na Paraíba, então a gente sempre manteve contato, mas eu nunca tinha vindo aqui antes disso, e foi quando eles me chamaram para vir para cá, fiquei bem contente com a oportunidade de trabalhar com a Paraíba e trabalhar com jovens em uma outra perspectiva que não era o que eu trabalhava com o NEOJIBA porque lá eu estava como coordenadora, aqui eu

iria ter a voz de comando, aqui eu ia ser diretora, foi um grande desafio, mas eu fiquei muito contente porque quando ele me convidou ele disse que eu congregava os aspectos que eram necessários para gerir o Prima, no caso era ter uma experiência com orquestra e tocar bem nesse contexto, ter uma consciência social porque era um projeto social e ter uma consciência pedagógica né, porque o que faz, acima de tudo é uma educação musical. Então eu fiquei bem contente com o convite e aí aqui no Prima foi um enorme desafio, um desafio muito bom no sentido de que eu estaria aplicando alguns conceitos que eu achava que foram um pouco falhos no outro projeto que eu trabalhava que era o sentido de que, eu lembro que até você falou isso, se a inclusão de fato é feita, então, o conceito de inclusão que o Prima trabalha é justamente quando o Prima vai nas escolas e conversa com o aluno, é muito claro prá gente, de que o Prima é um programa de cidadania, que a música é um caminho para isso, então quando a gente tá trabalhando com os meninos a música, a gente quer que ele se sinta com autoestima, que ele se sinta valorizado, que ele se sinta que pode fazer algo bem que ele sinta o poder de ter uma escuta validada, que se sinta trabalhando em grupo, eu compartilhei com você a questão do projeto inaugural e lá já falava isso, que na orquestra um dos itens fundamentais da orquestra sinfônica é a afinação, afinação nada mais é do que duas batidas né, duas ondas sonoras estarem na mesma vibração, isso precisa ter duas pessoas e elas precisam estar se ouvindo para que você esteja afinado, então a gente procura sempre ressaltar isso, de que na orquestra, para ela tocar bem você precisa estar afinado com outro, você precisa fazer o seu dever de casa, estudar sua liçãozinha, mas é ali no conjunto que a coisa vai acontecer, ali você precisa, se for necessário, diminuir um pouco, aumentar um pouco, estar afinado, e nisso estar afinado é escutar o maestro, é escutar o colega do lado, é tá com o grupo e a sociedade é isso, a sociedade precisa estar com a escuta, democracia é isso, você está com a escuta, de escutar o outro e ser ouvido, no Prima a gente também tem isso na nossa avaliação, também os alunos são escutados no processo avaliativo, dos professores para saber como eles estão, e usando de um discurso empoderador, emancipador, como o discurso de a educação como um viés que empodera os alunos para que eles se sintam no poder de ter consciência, de assim, olha como eu ajudo minha comunidade, como eu posso ter acesso a outros caminhos, a outras perspectivas, e usar disso também como um retorno aqui dentro de minha comunidade, então a gente desperta esses olhares com esses alunos, a gente fez o Concerto da Consciência Negra, a gente tem feito isso há dois anos, a gente fala desde o início do ano sobre a questão do racismo no Brasil e a gente fala isso de uma forma leve porque a gente sabe que são adolescentes, então a música dá para você

pautar tudo isso de uma forma leve, e a gente tem trabalhado muito com os meninos a questão, com todos eles, a questão de gênero, ou outras questões que são tão importantes como a própria violência contra a mulher, que são pautas importantes para o cotidiano deles e que muitos deles vivem isso cotidianamente, então no Prima eu fazia regência dos concertos principais, organizava esta parte pedagógica, acompanhando os coordenadores de todos os polos (até o momento que saí tinha 26 polos), então tava em torno de 1.200 alunos e eu estava na parte coordenando e regendo os alunos. Uma vez por ano a gente faz esse Grande Concerto juntando alunos de todos os polos, que prá gente é um momento importante de troca entre eles e a gente ouve os depoimentos dos alunos (o vídeo tem um pouco sobre eles). São momentos importantes para eles, eles veem os colegas de João Pessoa, ele é lá do sertão, de Patos, de Catolé do Rocha e o colega dele de João Pessoa, está ensaiando a mesma música, eles nem se conhecem direito mas ali sentou do lado e eles estão tocando e a partir dali eles começam a conversar, começam a ser amigos, a gente ver isso com uma constância muito grande, eles falam o quanto aquilo é importante, a nível de territorialidade, também de ele ver que existe um mundo para além da cidade dele, do universo que ele vive, no meu mestrado eu estudo isso também, a questão da territorialidade, alguns alunos falam nos depoimento deles, que ele nunca se viu para além da Cajazeiras, uma aluna falou que para ela, e o mundo dela, o mundo musical, era aqui ali, mas quando ela veio para João Pessoa pela primeira vez, pelo Prima, ela viu que o mundo é muito maior.